UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL – UEMS

UNIDADE UNIVERSITÁRIA PONTA PORÃ

CURSO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS

LEILIANE RODRIGUES PEREIRA

O EFEITO HALO NA POLARIZAÇÃO DA POLÍTICA BRASILEIRA

PONTA PORÃ - MS

2023

LEILIANE RODRIGUES PEREIRA

O EFEITO HALO NA POLARIZAÇÃO DA POLÍTICA BRASILEIRA

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao Curso de Ciências Econômicas da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul como requisito parcial a obtenção do título de bacharel em economia.

Orientadora: Profa. Dra. Laís Fernanda de Azevedo

PONTA PORÃ - MS

2023

P492e Pereira, Leiliane Rodrigues

O efeito halo na polarização da política brasileira / Leiliane Rodrigues Pereira. – Ponta Porã, MS: UEMS, 2023.
48 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado) - Ciências Econômicas - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), 2023.

Orientadora: Profª Drª. Laís Fernanda de Azevedo

1. Polarização política. 2. Lula 3. Bolsonaro 4. Efeito Halo. I. Azevedo, Laís Fernanda de. II. Título.

CDD 23 ed. 302

Ficha Catalográfica elaborada pela bibliotecária da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) Aline Perdomo Soutelo, inscrita sob o CRB Provisório nº 714 - 1ª Região.

O EFEITO HALO NA POLARIZAÇÃO DA POLÍTICA BRASILEIRA

RESUMO: A polarização ideológica que tem marcado o cenário político brasileiro nos últimos anos resultou em um ambiente de conflito e hostilidade, dividindo a sociedade em grupos opostos. Este fenômeno é caracterizado pela acentuação das diferenças, levando à formação de bolhas informativas, onde indivíduos se isolam em conteúdos que reforçam suas próprias convicções, dificultando o diálogo construtivo e a busca por consensos. Tal situação impacta negativamente a coesão social, prejudica o diálogo político e a governabilidade. Diante disso, o objetivo deste trabalho foi investigar o efeito halo para o contexto de polarização política brasileira. Por meio de um experimento, um questionário foi aplicado a 60 estudantes de cursos da área de Ciência Sociais Aplicadas, com vistas a captar suas percepções sobre dois políticos brasileiros, Lula e Jair Bolsonaro, que lideram tal cenário de polarização. Os resultados confirmaram tanto uma polarização política nas respostas dos participantes como também a hipótese do Efeito Halo, com correlações positivas entre a avaliação de características pessoais e a avaliação de ações políticas. Mesmo entre aqueles considerados "neutros", que não gostam de ambos os políticos, apresentaram em algum nível uma rejeição maior a um deles. Isso reflete os extremos da oposição destas figuras políticas e a polarização das opiniões sobre os feitos destes presidentes.

Palavras - chaves: Polarização política; Lula; Bolsonaro; Efeito Halo.

ABSTRACT

The ideological polarization that has marked the Brazilian political scene in recent years has resulted in an environment of conflict and hostility, dividing society into opposing groups. This phenomenon is characterized by the accentuation of differences, leading to the formation of informational bubbles where individuals isolate themselves in content that reinforces their own convictions, hindering constructive dialogue and the search for consensus. Such a situation has a negative impact on social cohesion, impairs political dialogue, and hampers governance. In light of this, the aim of this study was to investigate the halo effect in the context of Brazilian political polarization. Through an experiment, a questionnaire was administered to 60 students in the field of Applied Social Sciences, aiming to capture their perceptions of two Brazilian politicians, Lula and Jair Bolsonaro, who lead this polarization scenario. The results confirmed both political polarization in the participants' responses and the hypothesis of the Halo Effect, with positive correlations between the evaluation of personal characteristics and the evaluation of political actions. Even among those considered 'neutral,' who do not like either politician, there was a higher level of rejection of one of them to some extent. This reflects the extremes of opposition to these political figures and the polarization of opinions about the actions of these presidents.

Keywords: Political polarization; Lula; Bolsonaro; Halo Effect**.**

1. Introdução

O Brasil vive atualmente uma profunda divisão e animosidade entre vários grupos que possuem diferentes pontos de vista sobre ideologia política e filiação partidária. O estado de polarização intensificada pode ser atribuído tanto a eventos históricos recentes quanto aos traços sociais e econômicos únicos da nação. Destacando a divisão entre os apoiadores de Jair Bolsonaro, Luiz Inácio Lula da Silva, atual presidente da república, e outros candidatos de diferentes espectros políticos, houve um notável aumento da polarização política no Brasil após as eleições presidenciais de 2018. Discursos inflamados e embates ideológicos durante a campanha eleitoral contribuíram para esse aumento da polarização. As tensões entre diferentes grupos sociais e políticos se agravaram ainda mais após a posse do ex -presidente Bolsonaro, em janeiro de 2019. A postura conflituosa e polêmica do governo acabou por agravar tais divisões.

A polarização da política no Brasil é exibida de forma proeminente através da utilização de plataformas de mídia social e da mídia no geral. Ademais, porque a polarização política brasileira não é nem artificial, nem recente. De fato, o exame das disputas presidenciais nos períodos democráticos de 1945 a 1964 e atualmente indica que essas eleições sempre foram polarizadas em suas duas dimensões: a partidária e a programática. (PERES, 2020)

Além disso, estamos vivendo um período em que as dinâmicas sociais estão mais voláteis, devido ao rápido crescimento das tecnologias e contato com diversas outras culturas e visões de mundo. Também desenvolvemos falhas sistemáticas que alteram nossa percepção de mundo e influenciam em nossa racionalidade, assim, proporcionando decisões e ações questionáveis. Essas falhas são chamadas de vieses cognitivos (KAHNEMAN, 2012)

Juntamente a esse viés, que leva a erros sistemáticos, tem-se em parte que, os erros em questão são devidos ao efeito *halo*. Esse efeito revela que, em nossas avaliações e julgamentos sobre pessoas, não somos completamente racionais e imparciais. O resultado desse processo depende diretamente das nossas percepções e crenças sobre o objeto ou

indivíduo a ser analisado, tendo em vista a nossa tendência a generalizar e estereotipar características, sejam elas positivas ou negativas.

A vertente da economia comportamental tem elucidado diversos estudos que mostram como as circunstâncias moldam as decisões dos indivíduos. A teoria econômica convencional endossa os princípios da racionalidade e racionalidade limitada, no entanto, a economia comportamental vem sistematicamente apresentando caminhos nos quais as influências cognitivas, sociais, demográficas e outras, são grandemente responsáveis pelas tomadas de decisões dos indivíduos (ÁVILA; BIANCHI, 2015).

Assim, com base em conceitos da economia comportamental, o presente trabalho tem por objetivo demonstrar o efeito halo para o contexto de polarização política brasileira. Pretende-se identificar como a percepção positiva ou negativa de um aspecto específico de um político ou partido pode afetar a forma como outras características e posições políticas são interpretadas, aprofundando as divisões ideológicas no contexto político do país.

Para atingir tal proposta, será realizado um experimento, por meio de um questionário estruturado, não identificado, que trará informações sobre a atuação dos dois principais políticos, Luiz Inácio Lula da Silva e Jair Messias Bolsonaro, no qual os respondentes terão de associar tais feitos a essas duas figuras políticas. Esse experimento, será realizado com estudantes de ciências econômicas, administração e ciências contábeis, da universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, na cidade de Ponta Porã. Por meio deste, será possível verificar em que medida o efeito halo e o viés de confirmação atribui "boas ações" ao político de sua preferência, independentemente do conhecimento concreto sobre elas.

Além desta introdução, este artigo está dividido em 5 seções. Primeiro, faz-se uma retrospectiva do cenário de polarização política no país desde 2014. Em seguida, apresenta-se as contribuições da economia comportamental e uma explanação maior do efeito halo e do viés de confirmação. Na quarta seção, apresenta-se a metodologia aplicada e o questionário utilizado. A seguir, evidencia-se os resultados alcançados e por fim, apresenta-se algumas considerações finais.

2. A POLARIZAÇÃO POLÍTICA NO BRASIL RECENTE

A polarização ideológica é um fenômeno que se caracteriza pelo significativo afastamento e conflito entre indivíduos ou grupos com perspectivas políticas e ideológicas opostas. Nessa situação, as diferenças são fortemente acentuadas, gerando um ambiente de hostilidade e desconfiança entre as partes. Tal polarização pode resultar na formação de "bolhas informativas", nas quais as pessoas se isolam em conteúdos que reforçam suas próprias convicções, ignorando informações contrárias. Esse cenário tende a prejudicar o diálogo construtivo, tornando mais difícil a busca por consensos e impactando a consideração na coesão social (BAKIR,MCSTAY, 2018).

Esta polarização tornou-se no Brasil uma característica marcante e desafiadora da sociedade nos últimos anos. As divisões ideológicas entre os principais grupos políticos se intensificaram, criando uma atmosfera de confronto e hostilidade. As redes sociais e os meios de comunicação têm desempenhado um papel importante nesse processo, ampliando o discurso polarizador e facilitando a disseminação de informações muitas vezes tendenciosas ou distorcidas. O tratamento extremo das principais questões nacionais dificulta a formação de consenso e prejudica o diálogo construtivo. Essa polarização afeta negativamente a governança, a capacidade de formular políticas públicas eficazes e a coesão social.

De acordo com Bobbio (1995) a concepção da direita e da esquerda forma uma díade de pensamento, onde a existência de uma implica obrigatoriamente a existência da outra. Em outras palavras, a direita não teria razão de existir sem a esquerda, e vice-versa. A ausência de qualquer um dos lados torna o processo de pensamento estranho e confuso. Bobbio qualifica essa díade como antitética, enfatizando que a oposição entre os dois é crucial. Assim sendo, um pensamento político de esquerda só pode ser concebido em relação a um pensamento político de direita, uma vez que se contrapõem. Ao abordarmos o centrismo, pressupomos a presença tanto da esquerda quanto da direita. O centrismo representa o espaço intermediário entre essas duas vertentes e nunca implica a ausência de qualquer uma delas. Para que esse espaço exista, ele deve reunir os interesses tanto da esquerda quanto da direita, assumindo, portanto, a necessidade da existência de ambas para que, em um contexto de forças políticas, a opção pelo centrismo seja viável.

O acirramento contemporâneo do *apartaid* político brasileiro tornou-se mais evidente a partir de junho de 2013. Depois de tempos de apatia política, as manifestações populares tomaram conta das ruas do país no tino de escancarar as suas insatisfações, diferenças ideológicas e a racha entre “direita e esquerda”. Ficava claro naquele momento

que a sociedade brasileira estava segmentada e saturada em boa parte com a Era PT, depois de 12 anos do partido à frente da presidência. O que vigorou não foi apenas uma oposição, mas uma aversão socialmente construída, denominada de antipetismo. O movimento ideológico ultrapassou as barreiras da "esquerda *versus* direita", alimentou-se no país um antipartidarismo extremado como precípuo dos valores morais da direita e posteriormente da extrema direita.

Este cenário refletiu nas eleições de 2014 para a presidência do Brasil. Apresentavam-se como candidatos notáveis, Dilma Rousseff, então presidente, que concorreria à reeleição pelo Partido dos Trabalhadores (PT), Aécio Neves, deputado federal pelo Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) e Eduardo Campos, candidato do Partido Socialista Brasileiro (PSB), que faleceu tragicamente em um acidente de avião em agosto de 2014, o que levou Marina Silva, sua vice, a assumir a candidatura.

As propostas e programas de governo que foram apresentadas eram contrastantes, a eleição, portanto, foi ferozmente contestada e dividida. Pelo lado de Dilma Rousseff, havia a defesa da preservação das políticas sociais do governo do PT, enquanto Aécio Neves prometia uma abordagem mais econômica liberal. Marina Silva, por sua vez, lançava uma plataforma ecologicamente sustentável, priorizando as preocupações sociais. O primeiro turno das eleições já se mostrou acirrado, Dilma, garantiu 41,6% dos votos, Aécio ficou em segundo lugar com 33,6%, enquanto Marina ficou em terceiro com 21,3%. O segundo turno ocorreu no dia 26 de outubro de 2014, mas as tensões políticas se intensificaram ao longo do caminho, os debates dos candidatos giravam em torno de acusações mútuas de corrupção, alimentando ainda mais a atmosfera da discórdia. O clima de cisão foi traduzido no resultado final bastante acirrado. Dilma foi reeleita com 51,6% dos votos válidos e Aécio contabilizou 48,4% dos votos.

Naquele momento o clima do país era tenso, a crescente oposição ao governo petista impunha uma série de dificuldades de governabilidade. Além disso, o segundo mandato de Dilma enfrentava um quadro econômico recessivo que foi escancarado a partir de 2014, de instabilidade econômica e política, liderada pela Operação Lava-Jato, que derrubou as expectativas dos investidores privados. O contexto internacional também não era favorável, de acordo com Carleial (2015) eram nítidas as consequências da mudança do cenário externo na economia brasileira, seus principais parceiros comerciais vinham

de redução do crescimento econômico, especialmente China e Índia, a crise do euro e a frágil recuperação norte americana com aumento dos juros.

Como consequência da derrota acirrada nas urnas, Aécio Neves e seus aliados lideraram uma série de denúncias e acusações visando criminalizar a chapa vencedora. Em setembro de 2015, a Câmara Federal, na figura de Eduardo Cunha, acatou a acusação formal sobre o crime de responsabilidade fiscal – as "pedaladas fiscais" – aliado a esse fato, havia um caloroso discurso sobre a recessão econômica, o legado do partido, a postura pessoal da presidenta e sua suposta ligação com os esquemas descobertos pela Lava-Jato.

A polarização que já estava posta se agravou, mais do que o debate entre direita e esquerda, o antipetismo tornou-se uma bandeira de campanha. Com a imagem do partido enfraquecida, seus principais articuladores acusados de crimes de corrupção, e a principal figura do PT com riscos de ser preso, além da grande reprovação do povo, não houve muito poder de barganha e o processo de impeachment ganhou força rapidamente. O clamor da população era a renovação política, cansados da "mesmice" das tradicionais figuras dos grandes partidos. Em 31 de agosto de 2016, consolida-se o impeachment e assume o vice-presidente, Michel Temer, até o final de 2018.

É importante ressaltar que o PT que já havia sido marcado, anteriormente, pelo escândalo do mensalão, agora era marcado pela intitulada "maior operação anticorrupção do Brasil", a Lava-Jato. Esta operação que se deflagrou em março de 2014, ainda no governo de Dilma Rousseff, através de uma investigação de uma rede de postos de gasolina e lava-jato usados para movimentar recursos ilícitos, desviou quantias bilionárias do cofre da maior estatal do país, a Petrobras. O esquema já durava por pelo menos dez anos, e consistia em grandes empreiteiras organizadas em cartel pagando propina para altos executivos da estatal e outros agentes públicos em troca de contratos superfaturados, dentro desse esquema estavam envolvidos, empreiteiras, doleiros, funcionários da estatal, operadores financeiros e atores políticos. (VIEIRA, 2019)

A Lava-Jato parecia ter acertado em cheio o partido dos trabalhadores. A mídia teve papel crucial na desintegração da imagem do PT, muito embora, o partido com maior número de inquéritos tenha sido o MDB (Movimento Democrático Brasileiro). De acordo com o Jus Brasil (2009), foram abertos 111 inquéritos no STF envolvendo pessoas com filiação partidária, sendo as quatro legendas mais atingidas o MDB (26), o PT (22), o

PSDB (17) e o PP (9). Quando considerado o número de investigados em exercício no poder à época (2009), 34 congressistas foram alvos dos inquéritos –12 senadores e 22 deputados. A bancada do PP na Câmara tinha 40 deputados sendo 18 investigados, enquanto PMDB e PT dois investigados cada um.

Sob acusação de corrupção passiva e lavagem de dinheiro, Lula, o principal líder do PT, foi condenado a 12 anos e 11 meses de prisão. A prisão veio em 2018, ano eleitoral, que impediu o ex-presidente de concorrer às eleições presidenciais. As provas, baseadas principalmente em delações, apontavam para um esquema de propina por meio de um apartamento triplex no Guarujá e reformas no seu sítio em Atibaia. A celeridade do processo e as fragilidades das provas, inflamaram seus apoiadores que apontavam para uma prisão política. Sérgio Moro, o juiz do processo, tornou-se popular, sendo exaltado pela oposição de Lula e amplamente questionado e criticado por seus aliados, uma vez que usou de sua posição para fins políticos. Movimentos em defesa de Lula surgiram pelo país, como o "Lula Livre"[1].

Nesta seara, Jair Messias Bolsonaro um político de carreira, até então pouco conhecido por seu desempenho, agarrou a "bandeira da anticorrupção" e do antipetismo e se lançou à corrida para a presidência da república. Com um discurso inflamado e radical, ganhou forças nas redes sociais, fazendo uso de uma linguagem ordinária e de opiniões baseadas no senso comum. Inúmeras comunidades de apoio surgiram nas mais diversas redes, colocando-o como uma nova imagem para o futuro Brasil. Bolsonaro sempre afirmava que o país precisava de uma figura que não fizesse parte da política do "toma lá dá cá". Como um ex-militar e sua postura antigoverno, ganhou proeminência nacional, agradando a ala conservadora da sociedade (VIEIRA, 2019).

A estratégia de comunicação de Bolsonaro foi extremamente eficiente, inspirado em Steve[2] Bannon, estrategista do ex-presidente norte americano Donald Trump, fez uso de técnicas para viralizar publicações, concentrando esforços em difamar políticos opositores, em especial Lula, e difundir teorias sobre uma hipotética conspiração

[1] Foi um movimento civil apoiado por vários movimentos sociais e entidades sindicais brasileiras, ativistas e personalidades de mais de 50 países. Para unir movimentos inseridos na campanha e reforçá-la, foi lançado o Comitê Internacional de Solidariedade em Defesa de Lula e a Democracia no Brasil em 15 de março de 2018, durante o Fórum Social Mundial (FSM) na edição daquele ano. O argumento central do grupo é que Lula é inocente e sua condenação pelos crimes de lavagem de dinheiro e corrupção passiva carece de provas materiais.

[2] Bannon foi fundador do Breitbart News, site de extrema direita célebre pela disseminação de notícias falsas e conteúdos de cunho racista.

comunista e da esquerda em geral, contra os valores[3] da família tradicional brasileira. O uso das redes sociais foi o canal direto de diálogo com os seus apoiadores, ignorando os canais de informação tradicionais, quebrando o rito de debates com sua ausência e transmitindo suas ideias sem intermediários (MURTA, ITUASSU, CAPONE, LEO e ROVERE, 2017).

É notado por suas afirmações polêmicas, que muitas vezes dividem o público, seu tom de voz firme, suas críticas à política e suas opiniões sobre coisas sensíveis provocavam reações fortes em seus partidários e oponentes. Esta abordagem emocional e polarizada ajudou a criar uma comunidade de pessoas que se identificam com o seu estilo e suas ideias (CALIL, 2020). Assim, Bolsonaro foi eleito em 2018 no segundo turno com 55,13% dos votos, frente ao candidato do PT, Fernando Hadadd (44, 87%), que substituía Luiz Inácio Lula da Silva. Iniciava no Brasil, uma nova conjuntura política depois de 4 eleições vitoriosas do Partido dos Trabalhadores.

Ao longo dos 4 anos de mandato de Jair Bolsonaro muitas foram as polêmicas promovidas pelo governo. No início de 2019, havia uma grande expectativa de retomada do crescimento econômico, pois sua eleição foi recebida de maneira favorável pelos mercados privado e financeiro. No entanto, esse otimismo já perdeu força ainda no ano de 2019, diante do resultado pífio da economia brasileira de apenas 1,2%. Tal expectativa foi sucumbida no início de 2020 com a pandemia da COVID-19. Se em circunstâncias normais, o governo foi incapaz de propor políticas de crescimento, a pandemia acabou por imobilizar quaisquer tipos de eficácia política (CHERNAVSKY,2022).

O Brasil teve o primeiro caso confirmado de covid-19 no dia 25 de fevereiro, e o primeiro óbito três semanas depois, em 17 de março. As opções políticas tomadas nos primeiros dias de março foram decisivas e determinaram os rumos da pandemia no país, que se consolidaram com o pronunciamento em rede nacional de Jair Bolsonaro em 24 de março, de conteúdo explicitamente negacionista. O relato do ex-ministro saúde, Luiz Henrique Mandetta, evidencia que, embora tenham ocorrido conflitos anteriormente, foi a partir daquele momento que a posição negacionista de Bolsonaro se consolidou, a ponto de sabotar abertamente as medidas de contenção da COVID-19 e o trabalho desenvolvido no ministério.

[3] Uma série de fake news foi espalhada, como ideologia de gênero, política de educação de desvirtuação infantil por meio de sexo, entre outros.

> Foi a partir daquele domingo, dia 15, que duas mensagens começaram a circular juntas, uma se contrapondo à outra. O Ministério da Saúde indicava um caminho, e o presidente enviava uma mensagem no sentido oposto, a de não respeitar as orientações do seu próprio ministério. Antes já havia essa resistência, mas não era pública (Mandetta, 2020, p. 32).

O quadro 1 a seguir traz alguns pronunciamentos feitos pelo presidente no início da pandemia que retrata sua constante negação com relação à gravidade da COVID-19. Essas alegações causaram descontentamento por uma pequena parte dos seus apoiadores, ao mesmo tempo que incentivava uma parcela da população a não seguir os protocolos de biossegurança de combate à proliferação do vírus, minimizando a eficiência das medidas tomadas pelo ministério da saúde. Essa situação conflitante levou à substituição do ministro Mandetta, pelo também médico Nelson Teich, que não ficou no cargo nem um mês por discordar da maneira com que o presidente queria atuar na pandemia.

Quadro 1. Declarações de Jair Bolsonaro entre março e abril de 2019

Declaração	**Data**	**N. de casos na data**	**N. de óbitos na data**
"O que está errado é a histeria, como se fosse o fim do mundo. Uma nação como o Brasil só estará livre quando certo número de pessoas for infectado e criar anticorpos"	17/mar	346	1
"Não vai ser uma gripezinha que vai me derrubar, tá o.k.?"	20/mar	957	11
"O povo foi enganado esse tempo todo sobre o vírus"	26/mar	2.902	77
"Se o vírus pegar em mim, não vou sentir quase nada"	30/mar	4.630	163
"Está começando a ir embora essa questão do vírus"	12/abr	22.192	1.223
"Eu não sou coveiro, tá certo?"	20/abr	40.743	2.587
"E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê? Eu sou Messias, mas não faço milagre"	28/abr	72.899	5.063

Fonte. Calil (2021). Elaborado por Calil (2021)

Bolsonaro, então, nomeou um general da ativa do Exército para o comando do Ministério mais importante daquele momento. Eduardo Pazzuelo atuou entre 15 de maio de 2020 a 15 de março de 2021, período do ápice da pandemia. Sob seu comando, o Ministério da Saúde lançou o protocolo de tratamento precoce da covid-19 que recomenda a utilização da cloroquina, como queria Bolsonaro. Houve atrasos e negação de contratos de aquisição da vacina, além de denúncias de esquemas de propina por laboratórios fornecedores da vancina[4]. Adicionalmente, Pazuello passou a ser investigado

[4] A CPI da Covid 19 teve como objetivo apurar as ações e omissões do Governo Federal no enfrentamento da Pandemia da Covid-19 no Brasil e, em especial, no agravamento da crise sanitária no Amazonas com a ausência de oxigênio para os pacientes internados; e as possíveis irregularidades em contratos, fraudes em

pelo STF (Supremo Tribunal Federal) por suposta omissão na crise sanitária do Amazonas, onde pacientes morreram asfixiados por falta de cilindros de oxigênio medicinal. Batendo recordes de morte pela COVID-19, a situação de Pazuello ficou insustentável, sendo criticado até por aliados de Jair Bolsonaro. Foi substituído por Marcelo Queiroga, médico cardiologista, que permaneceu até o fim do mandato do presidente.

O saldo da pandemia foi de 705.494 mortos e mais de 37 milhões de casos registrados, de acordo com o DataSus (2023) O Brasil foi responsável por mais de 10% do total de óbitos no mundo. Paralelamente a isto, o país enfrentou um aumento na taxa de desemprego, dificuldades fiscais com déficits orçamentários e o desafio de controlar a dívida pública. A inflação também foi uma preocupação, aumentando os custos de vida para a população. As incertezas políticas e a polarização também contribuíram para a falta de confiança dos investidores e para a volatilidade econômica.

O que parecia ser um cenário extremamente desfavorável para a imagem do presidente, o rumo de seus seguidores e fanáticos não se alterou na mesma proporção. A equipe de comunicação do presidente continuou trabalhando duramente para manter sua popularidade por meio de comunicação direta e criação de *fake news* que continuavam a deslustrar qualquer figura que se opunha a ele ou o ameaçava. Um estudo realizado pelos grupos “Eleições sem Fake” e “Monitor do Debate Político no Meio Digital”, analisou 2.108 áudios que circularam entre os dias 24 e 28 de março de 2020, em 522 grupos públicos de *Whatsapp*, com a participação de mais de 18 mil usuários ativos, comprovando a enorme circulação de informações erráticas ou falsas (CALIL, 2020).

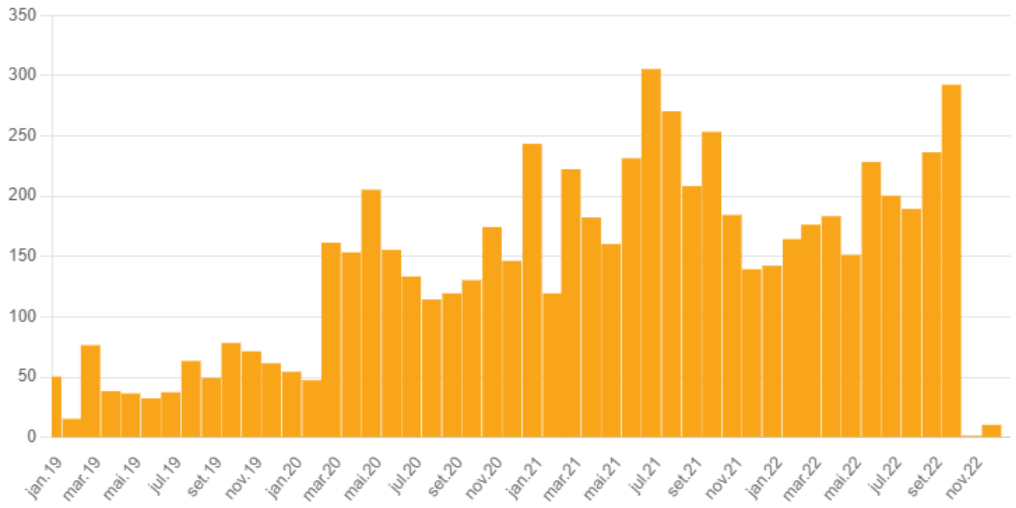
Segundo o site de checagem “Aos Fatos” (2023), Bolsonaro proferiu publicamente 6.685 declarações falsas ou distorcidas, em média foram quase 5 “mentiras” por dia nos 4 anos de seu governo. Todas essas estratégias mantiveram uma legião de fiéis radicais, que a despeito dos fatos, cultuam uma admiração irretocável ao presidente e seus valores. Mais do que isso, reproduzem o ódio aos adversários políticos de forma violenta.

---

licitações, superfaturamentos, desvio de recursos públicos, assinatura de contratos com empresas de fachada para prestação de serviços genéricos ou fictícios, entre outros ilícitos, se valendo para isso de recursos originados da União Federal, bem como outras ações ou omissões cometidas por administradores públicos federais, estaduais e municipais, no trato com a coisa pública, durante a vigência da calamidade originada pela Pandemia do Coronavírus "SARS-CoV-2"

Em março de 2021, o ministro do Supremo Tribunal Federal Edson Fachin anulou todas as condenações contra o ex-presidente Lula em relação à operação Lava Jato. Com esta decisão, o político deixou de ser inelegível e os processos judiciais foram para o Tribunal de Justiça do Distrito Federal. Mediante a defesa apresentada pela equipe de advogados de Lula, todas as ações da Lava Jato contra ele foram encerradas pelo STF. Fato que reacendeu a esperança política da esquerda brasileira de uma pequena parte que se desencantou do presidente Jair Bolsonaro. Desde a sua libertação, muitas especulações eleitoreiras se manifestaram. Nas projeções de possíveis cenários, Lula era o único nome que venceria Jair Bolsonaro.

Figura 1. Número de declarações falsas ou distorcidas, proferidas por Jair Bolsonaro durante seu governo (mensal)

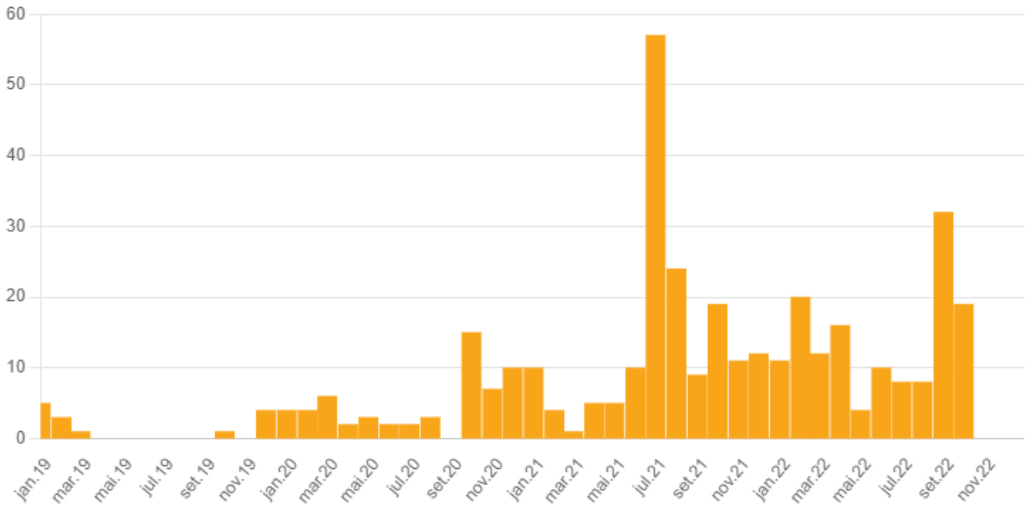


Fonte: Site de Checagem “Aos Fatos” (2023).

Nota-se pela figura 1, que o número de declarações falsas ou distorcidas aumentaram mês a mês após a libertação de Lula. O tema da corrupção, foi retomado mais veemente e também as informações sobre a credibilidade das eleições. Conforme as figuras 1 e 2 a seguir. Uma série de desconfianças foram levantadas por Bolsonaro sobre as urnas eletrônicas no Brasil, a principal delas era que seria impossível auditar as urnas, e que seu sistema poderia ser facilmente invadido e ter seus resultados alterados. Como solução, havia um clamor para o retorno dos votos impressos. Muito embora essas informações tenham sido desmentidas em amplas redes de comunicação, seus apoiadores continuaram a disseminar falsas teorias sobre o processo de eleições brasileiras. Além disso,

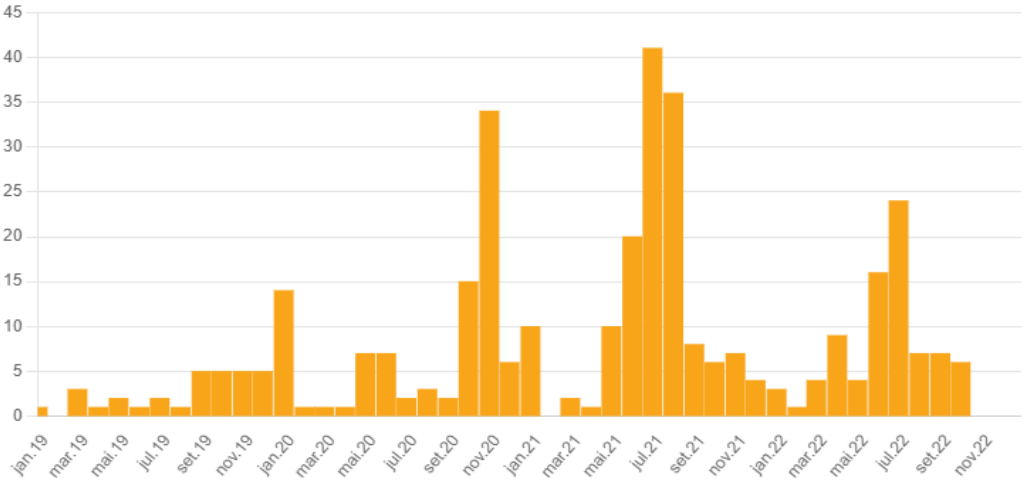
sugestionava-se que, para quaisquer resultados que fossem desfavoráveis a ele nas eleições em 2022, estes teriam sido fraudados.

Figura 2. Número de declarações falsas ou distorcidas sobre corrupção, proferidas por Jair Bolsonaro durante seu governo (mensal)



Fonte: Site de Checagem “Aos Fatos” (2023) .

Figura 3. Número de declarações falsas ou distorcidas sobre eleições, proferidas por Jair Bolsonaro durante seu governo (mensal)



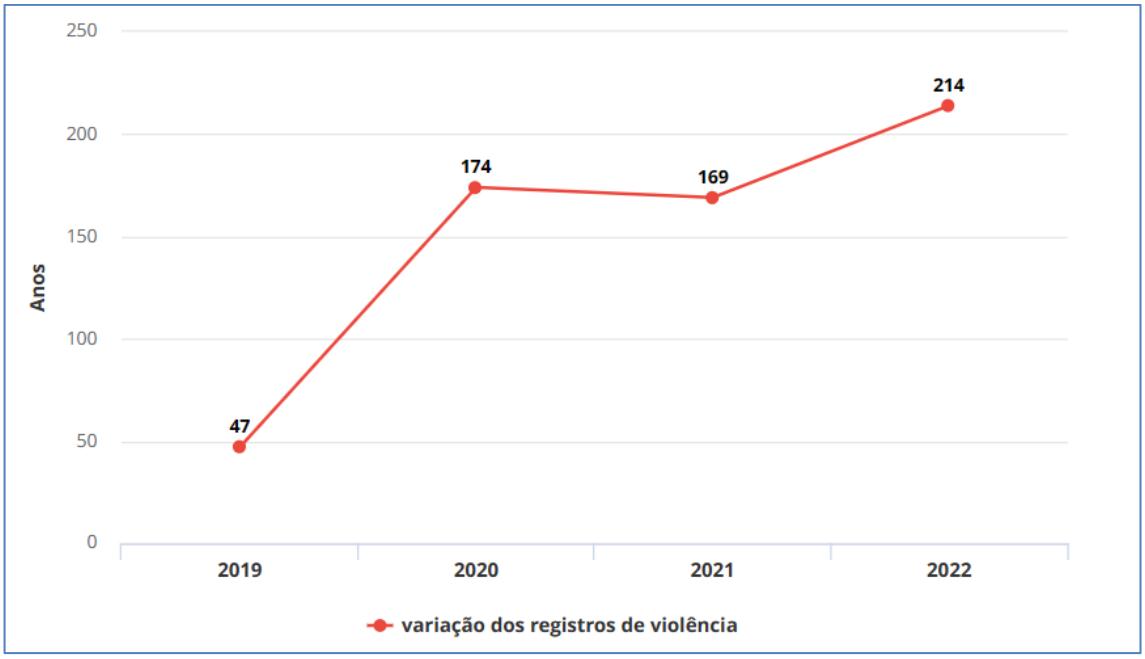
Fonte: Site de Checagem “Aos Fatos” (2023).

A emergente dissonância cognitiva social construída junto à polarização política impactou inclusive em homicídios causados por viés político-ideológico. Esse fenômeno perturbador evidencia a gravidade das tensões e divisões ideológicas presentes em

diversas sociedades, demandando uma análise mais profunda sobre suas implicações sociais e políticas. Um estudo da UniRio (2019) calcula 1.209 ataques a políticos ocorridos de janeiro de 2019, primeiro mês do governo Bolsonaro, até junho de 2023. Apenas em 2022, 45 lideranças políticas foram vítimas de homicídio.

Ao comparar os dados do ano corrente com os de 2020, que foi o ano da última eleição onde foram eleitos prefeitos e vereadores, observa-se um aumento de casos. Durante o período de Janeiro a Junho do referido ano, foram cometidos um total de 174 crimes contra políticos, resultando num aumento de 23% nos casos de violência. O grupo responsável pela captação desses crimes realiza pesquisas trimestralmente, e os resultados das duas pesquisas realizadas este ano revelaram um total de 45 homicídios ocorridos nos primeiros seis meses de 2022. Em comparação ao ano anterior, onde foram registradas 54 mortes , houve uma queda de 17%.

Figura 4. Casos de violência contra lideranças políticas (1º semestre de cada ano)



Fonte: Observatório da Violência Política e Eleitoral/Unirio

O jornal Estadão realiza um monitoramento de assassinatos por motivação política desde de 2013 e mostrou que a partir de 2018, homicídios por divergências partidária e ideológica tornaram-se mais frequentes. Só em 2022 (dados até junho) foram 26 assassinatos por motivações políticas ou pelo exercício da atividade pública, número maior do que o ocorrido em todas as eleições presidenciais desde a redemocratização em 1988.

Houve também um aumento de homicídios em áreas indígenas durante o governo Bolsonaro. Relatos de um aumento da violência e dos homicídios em territórios indígenas trazendo questões polêmicas sobre a proteção dessas comunidades e seus direitos territoriais, com acusações de negligência do governo federal em relação à segurança e proteção dessas populações vulneráveis.

No caso brasileiro, essa violência também se expressa pela ofensiva contra a agenda da igualdade de gênero, com o objetivo de desqualificar a violência sexista e reduzir a participação política das mulheres. Fragiliza, ainda, as já insuficientes garantias para o respeito das pertenças de gênero, raça e identidade sexual. O assassinato de Marielle Franco[5] é paradigmático porque atinge a democracia como espaço de construção de alternativas (GASMAN, 2018).

Foi nesse contexto de violência política e polarização que aconteceu as eleições de 2022. A mais acirrada da história da democracia do Brasil. A pesquisa divulgada pelo DataFolha em setembro de 2022, trouxe que 67,5% dos brasileiros afirmaram que temiam ser vítima de violência política. Esse medo refletiu na abstenção de cerca de 32 milhões de brasileiros que deixaram de votar nestas eleições. O resultado final, registrou uma diferença de apenas 1,8% para o presidente eleito pela terceira vez, Luiz Inácio Lula da Silva, valor que representa pouco mais de 2,1 milhões de votos.

Mesmo após o fim das eleições, Bolsonaro demorou para reconhecer o resultado e continuou a inflamar seus apoiadores. Paralisações, manifestações e acampamentos em frente aos quarteis solicitando intervenção militar se espalharam pelo país. Em 8 de janeiro em 2023, pessoas regidas em nome de um ideal fanático e político invadiram e depredaram o Palácio do Planalto, sede do governo e do STF, em apoio ao presidente Jair Bolsonaro. Esse ato gerou grande repercussão e foi amplamente criticado pelas autoridades, opositores políticos e pela população em geral, visto que o Congresso Nacional é um dos pilares da democracia brasileira. A invasão foi condenada como uma ação antidemocrática e violenta, sendo considerada uma ameaça à institucionalidade do país.

A polarização política continua evidente na sociedade brasileira. As diferenças ideológicas não ficam apenas no campo das ideias e dos debates, figuram-se em ações

[5] Em março de 2018, a vereadora do Rio de Janeiro, Marielle Franco, uma defensora dos direitos humanos e crítica à violência policial, foi assassinada.

concretas, a partir de um ideário de pós verdade, que será melhor retratado na próxima seção, a partir da abordagem da economia comportamental e seus vieses.

3 A ECONOMIA COMPORTAMENTAL, O EFEITO HALO E O VIÉS DE CONFIRMAÇÃO

A Economia Comportamental é uma área relativamente nova no âmbito da Ciência Econômica. Esta vertente é interdisciplinar e incorpora temas das Ciências Sociais, Psicologia e Neurociência. O objetivo deste campo do conhecimento é complementar a teoria econômica tradicional, fornecendo uma perspectiva alternativa sobre as decisões individuais e de mercado por meio da compreensão formação cognitiva e seus vieses na tomada de decisão. As teorias ligadas à economia comportamental contrapõem o pressuposto de racionalidade do modelo clássico da economia e dá maior importância às emoções dos seres econômicos que compõem a real tomada de decisão . Para investigar esses desvios da ação racional, os economistas comportamentais dependem fortemente do método experimental como seu principal meio de investigação empírica (VARIAN, 2012).

Em essência, o objetivo desta corrente teórica é obter uma compreensão mais profunda de como as emoções dos indivíduos podem influenciar as suas escolhas e analisar as opções disponíveis. As origens da Economia Comportamental remontam à década de 1950, quando alguns estudiosos começaram a propor mudanças na teoria econômica tradicional. Herbert Simon (1983), por exemplo, defendeu o uso de modelos que incorporam mecanismos cognitivos para observar o comportamento individual. Introduziu o termo "racionalidade limitada" para resumir a ideia de que os indivíduos podem ocasionalmente tomar decisões econômicas que não se alinham com aquelas consideradas ótimas, ou com aquelas que maximizam a utilidade. Isso ocorre, pois nem sempre é possível fazer uma análise completa e racional dos ganhos e perdas envolvidos na tomada de decisão, uma vez que, para ele, a racionalidade está limitada por três dimensões: informação disponível, limitação cognitiva da mente individual e tempo disponível para tomada de decisão. (SILVA, 2013)

Nessa perspectiva, a economia comportamental traz uma série de vieses cognitivos que conduzem o indivíduo num percurso decisório que nem sempre é o ideal ou, com frequência, está incorreto. O viés de confirmação, por exemplo, que respalda esta pesquisa, refere-se à tendência humana de buscar, interpretar e valorizar informações que confirmam suas crenças e expectativas prévias. Esse viés não apenas influencia a maneira como uma pessoa processa informações, mas também impacta diretamente as decisões econômicas, levando a julgamentos distorcidos e escolhas que podem divergir dos princípios racionais da teoria econômica clássica. Esse processo, embora possa ser inconsciente, tem o potencial de prejudicar a interpretação de dados e moldar as percepções individuais (SILVA, 2023).

Dentro de um contexto político ideológico polarizado, o viés da confirmação pode ser verificado nas mais simples ações dos indivíduos. Por exemplo, os indivíduos que têm opiniões políticas definidas, evita visitar *sites*, ler revistas e jornais, assistir reportagens, que confrontam com a sua opinião. Quanto mais extremado for seu posicionamento, mais fortes serão os hábitos de viés de confirmação. Ou seja, o indivíduo busca constantemente meios de relacionamento e informação que concordam com suas ideias. O contraponto não costuma ser uma opção.

O viés de confirmação traz consigo um atributo que o impulsiona, chamado de dissonância cognitiva, que nada mais é que uma sensação de desconforto mental e mesmo fisiológico que se sente ao passar por um conflito de ideias ou opiniões rivais. A dissonância cognitiva em si não é um viés cognitivo, mas sim um estado psicológico de incômodo ou uma reação físico-emocional que, muitas vezes, traz consigo sentimento de frustração e até agressividade, desse modo, ela motiva a pessoa a tentar reduzi-la e, assim, força a busca por um ambiente consonante. A dissonância também impulsiona um outro viés, o viés de Grupo, que é a tendência de supervalorizarmos pessoas próximas, pertencentes aos nossos grupos de convívio e que possuem ideias similares, e desvalorizarmos quem não pertence (FABER, 2014; MARTINS, 2015).

Martins (2015) coloca que há três formas do indivíduo reduzir a dissonância: 1) mudando seu comportamento; 2) mudando o ambiente, ou; 3) abandonando-a. A primeira forma é a mais difícil, pois exige que até mesmo suas crenças sejam alteradas. A segunda diz respeito à adequar o seu ambiente de modo que ele convirja ou corrobore a sua forma de pensar, bem próximo daquilo que trata-se aqui como viés de confirmação. Por último, abandonar a dissonância implica em reduzir a sua importância.

Ao passo que o indivíduo busca validar suas concepções políticas, entra-se numa seara sobre o que é verdade ou o que é mentira a respeito dos fatos a serem legitimados. Foucault (1994) trata que a verdade tem duas faces, a primeira está situada no elemento do saber e no conhecimento científico, cujo conhecimento transcendental e consciência empírica é uma condição de existir, já a segunda face trata-se da arqueologia do saber, no qual a prática discursiva segue a regra do jogo social.

A prática discursiva, porém, não coincide com a elaboração científica ou tampouco é subproduto de uma ciência formalizada. A verdade, ou a interpretação dela, é estabelecida por um conjunto de regras do jogo de poder e pela ordem do discurso que condiciona esses saberes. O discurso não é apenas um reflexo neutro em si mesmo, ele é um domínio estratégico em contínua modificação, que depende da posição ocupada, do nível de poder, de controle e do capital econômico e cultural de quem o emana. Para Foucault, a verdade não pode ser entendida somente a partir de si própria, mas sim pelas relações de poder específicas que atuam na sociedade, não existe verdade sem ou fora do poder (CANDIOTTO, 2010).

As verdades são, portanto, construções sociais e humanas, podendo ser relativizadas, distorcidas, falseadas ou justificadas, e por serem relativas, dependem essencialmente dos seus domínios de validação. Emediato (2016) coloca que o que difere a verdade da mentira é sua natureza pragmática e intencional, pois toda mentira possui uma pretensão à verdade.

A relativização da verdade e, por conseguinte, a composição das crenças, fazem parte do constructo humano acerca dos fatos e de suas decisões. Importantes a este contexto, alguns dos estudos de Daniel Kahneman estão voltados para os erros que acontecem na cognição humana e de que forma tais equívocos afetam a tomada de decisões dos indivíduos. Guardadas as devidas especificidades, acredita-se que algumas das estratégias conceituais que Kahneman usa ao discutir os erros cognitivos podem também ser aplicadas no contexto social e político.

O objetivo principal de Kahneman é compreender as predisposições mentais e os atalhos mentais que influenciam o processo de tomada de decisão de uma pessoa e como eles levam a certos comportamentos não ótimos na maioria das vezes, contrapondo-se à Teoria da Utilidade Esperada. Por outras palavras, procurou compreender porque é que

as pessoas fazem certas escolhas e como chegam a essas decisões, que o modelo econômico tradicional não conseguiu explicar adequadamente.

No contexto da economia comportamental, um fenômeno que merece atenção é o chamado "Efeito Halo". Este termo, cunhado pelo psicólogo social Edward L. Thorndike em 1920, refere-se a um viés cognitivo pelo qual a percepção positiva ou negativa de uma característica específica de uma pessoa, empresa, produto ou evento irradia-se para influenciar a avaliação geral desse objeto. Em seus estudos ele investigou a relação dos oficiais de comando com seus subordinados, apontando para o fato de que os membros mais altos e bonitos eram também tidos como os mais inteligentes e melhores soldados, mostrando como algumas características gerais também poderiam influenciar e se sobressair sobre características específicas (NEUGAARD, 2016). Outro exemplo trazido por Thorndike (1920) diz que se uma pessoa for atraente e bela, ela tem mais chances de ser bem-vista pela sociedade, e podem ainda considerar que essa pessoa também carrega consigo características socialmente bem aceitas e desejáveis como inteligência, gentileza e bondade Trata-se de uma generalização baseada em um único aspecto, o que leva o indivíduo a tomar um rumo baseado em uma única característica boa como também ruim. (THORNDIKE, 1920)

O Efeito Halo também foi estudado no campo da política. Olivola e Todorov (2010) mostraram que a aparência do candidato está correlacionada com sua probabilidade de ser eleito, e que tal relação é especialmente marcante quando não há percepção sólida quanto à competência do candidato. Verhulst et al. (2010) utilizaram os dados do estudo de Olivola e Todorov (2010) para sugerir que a percepção de atratividade e de familiaridade atuam diretamente no processo de determinação da competência do candidato, assumindo, assim, papel ainda mais importante na probabilidade de sua eleição.

O estudo do Efeito Halo apresenta com clareza sobre a complexidade subjacente às decisões econômicas, destacando como percepções distorcidas podem levar a julgamentos imprecisos e, por consequência, a resultados menos favoráveis. Em termos políticos, o Efeito Halo também pode ser observado quando uma ideia política é inicialmente apresentada com uma característica de simplicidade, pode levar a uma percepção geral positiva da ideia como um todo, sem a devida análise crítica de seus aspectos e implicações. Essa percepção favorável inicial pode influenciar o apoio público, mesmo que apresente inúmeras inconsistências em seus desdobramentos.

Kahneman (2012) coloca que quando um indivíduo gosta da política do presidente, é muito provável que também goste de sua voz e de sua aparência. Há uma tendência em gostar ou odiar tudo que diz respeito a uma pessoa, incluindo coisas que não são observadas, desse modo, o efeito halo é um viés comum que desempenha um papel importante no modo como as pessoas veem umas às outras e também determinadas situações.

Tirar conclusões precipitadas com base em evidências limitadas é importante para entender o comportamento do pensamento intuitivo[6]. Essas generalizações facilitam a conquista de coerência e trazem conforto cognitivo, levando o indivíduo a aceitar uma afirmação como verdadeira. O Efeito Halo explica a razão pela qual pensamos com rapidez e extraímos sentido de alguma informação parcial em um mundo complexo. Na maioria das vezes, a história que o indivíduo cria é coerente e próxima o suficiente da realidade para apoiar uma ação razoável, ajudando a manter as narrativas simples e coerentes, mas por vezes exagerando a consistência das avaliações: "pessoas boas fazem apenas coisas boas e pessoas ruins são todas ruins" (Kahneman, 2012, p. 141). Se sabido que uma pessoa é cruel e virulenta, qualquer afirmação que leve qualquer traço de bondade a respeito desse indivíduo passa-se a ser amplamente desacreditada, uma vez que não se pode esperar benevolência de alguém tão abjeto, pois automaticamente fere-se as expectativas criadas pelo efeito halo. Essas inconsistências ameaçam o conforto de nossos pensamentos e de nossos sentimentos.

Quando os indivíduos estão em uma situação de ilusão, normalmente tentam provar que suas ideias ou perspectivas estão corretas, em vez de tentarem provar ou combater argumentos contrários aos seus. Leonard Mlodinow (2009) diz que o cérebro humano evoluiu a tal ponto que se tornou extremamente eficiente no reconhecimento de padrões, no entanto, somos mais obstinados em encontrar e confirmar os padrões do que reconhecer e minimizar conclusões falsas. Hernandez e Preston (2013) corroboram esta análise, colocando que mudar as crenças exige tempo e esforço, e muitas vezes é mais fácil desconsiderar perspectivas alternativas do que adaptar as crenças existentes.

A esse tipo de viés cognitivo a psicologia chama de viés de confirmação, onde as pessoas procuram e interpretam informações que sejam consistentes com suas expectativas. Como as pessoas assumem que as suas crenças existentes são verdadeiras,

[6] Princípio do What You See Is All There Is (WYSIATI), i.e., o que você vê é tudo que há.

essas crenças servem como uma heurística para avaliar novas informações. (KAHNEMAN, 2013; MLODINOW, 2009; HERNANDEZ, PRESTON, 2013). O viés da confirmação traz muitas consequências negativas no mundo real. Se um indivíduo acredita inicialmente que um de seus candidatos é mais inteligente que outro, ele se concentra seletivamente em indícios que tendam a confirmar essa hipótese.

Sumariamente, dentro de um contexto de dissonância cognitiva, o Efeito Halo e o Viés de Confirmação são vieses poderosos quando tratamos de polarização política. Esses conceitos explicam em boa parte o porquê de as pessoas ignorarem os fatos e sustentarem uma crença obstinada em uma única figura política. No Brasil, são raras as menções ao efeito halo e viés de confirmação como a fonte dos desvios de julgamentos e processos decisórios no cenário doméstico. A maioria da literatura brasileira que trata destes conceitos não os faz como tema central de estudo. Eles são utilizados, principalmente, na realização de avaliações de indivíduos e de produtos, em publicações na área de marketing, na área médica e em estudos de internacionalização de produtos. (BREI; ROSSI, 2005; DOMINGUES; AMARAL; ZEFERINO, 2007; GIRALDI; CARVALHO, 2004; GIRALDI; IKEDA; CARVALHO, 2008; LOTTA, 2002; URDAN, 2004). Desse modo, neste trabalho será realizado um experimento baseado nestes conceitos para explicitar a polarização política brasileira.

4 EXPERIMENTO: METODOLOGIA EMPREGADA

O Efeito *Halo* em questão como fenômeno psicológico, inicialmente identificado em estudos de psicologia social como já citado anteriormente, descreve a tendência das pessoas de avaliar uma figura pública com base em uma característica específica, transferindo essas avaliações para outras áreas de sua vida ou atuação. No contexto político, isso se traduz na inclinação das pessoas a julgar um líder político com base em uma característica que lhes chama a atenção, seja ela positiva ou negativa, e expandir esse julgamento a todas as ações e traços do líder.

Neste contexto, o estudo se propõe a investigar o Efeito *Halo* na polarização da política brasileira, com um foco específico nas percepções de dois presidentes recentes do Brasil: Luiz Inácio Lula da Silva e Jair Messias Bolsonaro. Para abordar essa questão complexa, adota-se uma abordagem metodológica que emprega um questionário online projetado para destacar as características individuais de cada presidente. Este questionário

será distribuído a uma amostra diversificada de estudantes recrutados na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, na unidade de Ponta Porã , dos cursos de Economia, Administração e Ciências Contábeis.

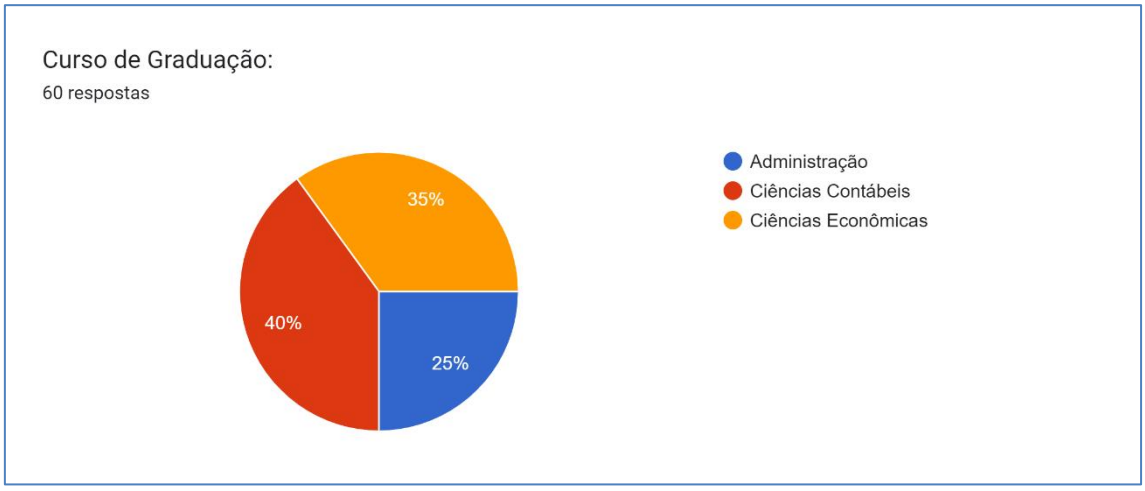
Ao descrever o contexto amplo desta pesquisa, que se concentra em entender como as características específicas de Lula e Bolsonaro influenciam as opiniões e atitudes dos indivíduos, a abordagem à relevância do Efeito *Halo* no cenário político atual mostra sua contribuição para a polarização. À medida que o estudo é enriquecido durante a metodologia, explora-se em detalhes como as respostas dos participantes refletem seus vieses de confirmação e como essas dinâmicas podem afetar o debate público e a tomada de decisões políticas no Brasil.

Trabalha-se com a hipótese de que aqueles indivíduos cujas afinidades apontem para um dos políticos, suas preferências reflitam também nas respostas que apontem as boas ações àquele de sua admiração, indicando o Efeito Halo. Aqueles que têm uma visão positiva de Lula tendem a destacar suas características positivas e minimizar as negativas, enquanto o mesmo acontece com aqueles que têm uma visão positiva de Bolsonaro. Identificar-se -a se há tendência de interpretação das informações de maneira seletiva, dando mais peso às características que confirmam suas crenças preexistentes. Isso resulta em uma polarização ainda maior, pois as percepções sobre Lula e Bolsonaro se tornam cada vez mais divergentes, com grupos diferentes vendo os mesmos traços de maneira oposta.

O questionário aplicado é composto por duas seções. Na primeira, o respondente precisou atribuir características pessoais aos presidentes, as opções foram: bonito; Atlético; Divertido; Amoroso; Generoso; Bem articulado; Inteligente; Preparado; Estadista; Fiel; Honesto; Patriota e; Nenhuma das anteriores. Nota-se que apenas "qualidades" foram disponibilizadas para seleção. O objetivo desta proposição, foi evitar contradições e respostas antônimas – por exemplo, honesto e desonesto –, além disso, pela literatura apresentada, sentimentos positivos são mais propensos de serem compartilhados entre as pessoas. Na segunda seção, foram apresentadas perguntas que se julgou serem boas ações ou bons feitos. O bloco inicial de perguntas, conduzem situações hipotéticas sobre a vida pessoal deles, e o segundo bloco apresentou perguntas hipotéticas ou não de suas atuações políticas. Ao todo, foram 19 perguntas, nas quais todas apresentavam só duas opções: Lula ou Bolsonaro. Mais opções não foram disponibilizadas, para não haver desvios do objetivo.

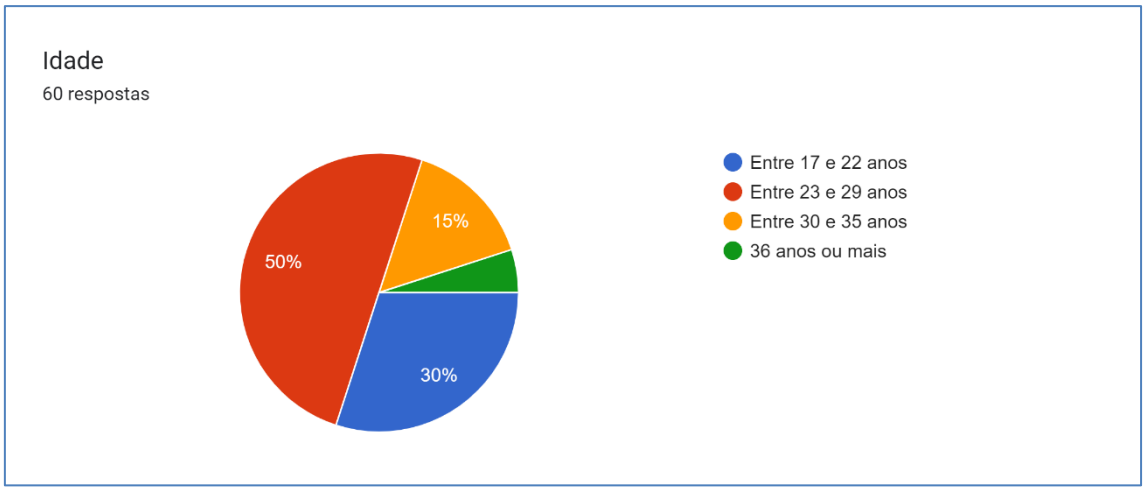
O experimento foi realizado em duas fases. Na primeira, aplicou-se o questionário (presente no Anexo I e II) para um grupo de pré-teste de 7 pessoas, que responderam às perguntas sem saber do objetivo da pesquisa. A partir disso, pôde-se identificar algumas falhas em duas das perguntas elaboradas. A saber: 1) Em seu governo, o Brasil atingiu a marca de 7ª maior economia do mundo; e 2) Em seu governo, o Brasil fechou o maior número de acordos comerciais internacionais. Essas questões se mostraram mais favoráveis à figura pública de Luís Inácio Lula da Silva, independentemente da afinidade política do respondente, eles argumentaram que esses eram fatos eram amplamente conhecidos e que não geravam dubiedade, indo de encontro com o propósito da ideia do efeito halo. Desse modo, tais questões foram substituídas por: 1) Em seu governo, os investimentos no Brasil aumentaram; e 2) Em seu governo, a Bolsa de Valores cresceu acima da média histórica. Na segunda fase, após corrigir os questionários, as questões foram aplicadas aos estudantes, diante da explicação do objetivo da pesquisa. Ao todo foram 60 respondentes, 24 do sexo masculino e 36 do sexo feminino. A caracterização da amostra se apresenta conforme os gráficos a seguir.

Gráfico 1. Distribuição dos respondentes por curso de Graduação



Fonte: Dados da Pesquisa. Elaboração própria.

Gráfico 2. Distribuição dos respondentes por idade



Fonte: Dados da Pesquisa. Elaboração própria.

O maior número de respondentes, 24 pessoas, são do curso de ciências contábeis, seguido do curso de Ciências Econômicas, 21, e do curso de Administração, 15. A faixa etária prevalescente é a "23 e 29 anos", com 50% do total de participantes. Se considerado como "jovem" o limite etário de 30 anos, 48 respondentes se encontram nesta faixa. Que são justamente estes cujo uso da internet para obter informações e construir opiniões é a mais utilizada.

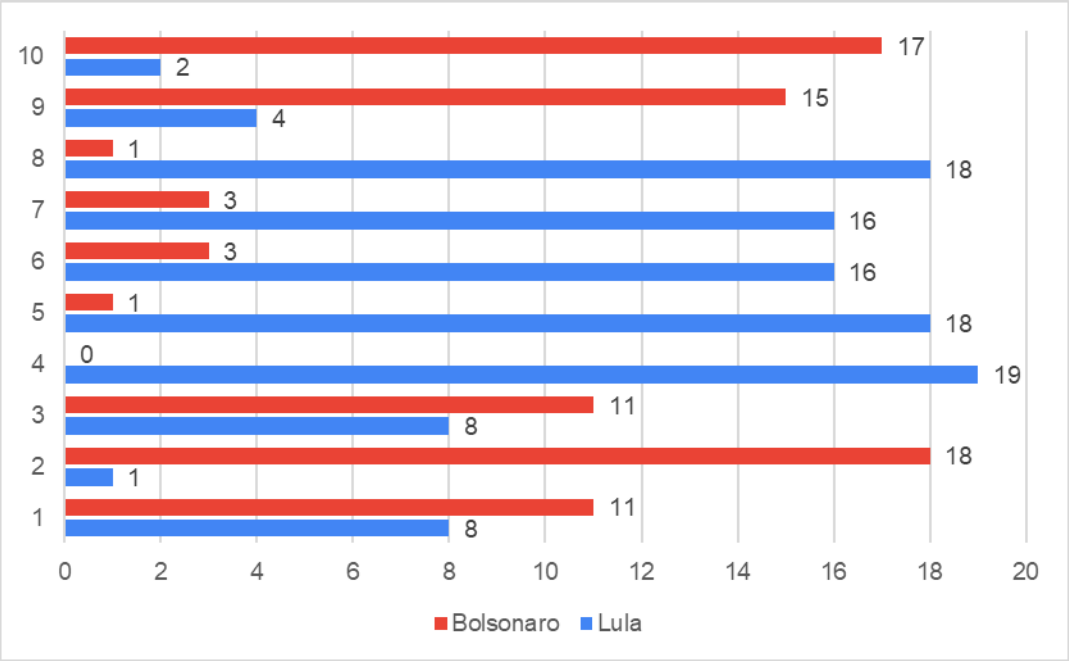
Na próxima seção, será apresentada análise das respostas e os parâmetros utilizados.

5. RESULTADOS: IDENTIFICANDO O EFEITO HALO

No questionário foram apresentadas uma série de características consideradas "boas" e solicitado para que os participantes relacionassem essas características às duas figuras políticas, Lula e Bolsonaro. Esta parte objetivou identificar se os respondentes apresentavam afinidades com os políticos em questão. Do total, 26 respondentes assinalaram pelo menos uma característica boa à Lula e; 37 assinalaram pelo menos uma característica boa à Bolsonaro. Ao filtrar as respostas, 10 respondentes (17%) não assinalaram características boas nem à Lula e nem à Bolsonaro. A esse grupo de pessoas denominamos de "neutros". Como a estrutura do questionário prevê apenas características e resultados tidos como "bons", no intuito de captar a percepção positiva e consequente identificação pessoal dos indivíduos com os políticos, esperava-se que

entre os neutros as respostas apresentassem mais variações entre a escolhas dos políticos. No entanto, verificou-se novamente uma polarização, com 50% dos neutros mais favoráveis ao Bolsonaro e os outros 50% ao Lula, com um leve viés de respostas positivas a este último, como verificado no gráfico 3 a seguir.

Gráfico 3. Distribuição das respostas pelos respondentes "neutros"

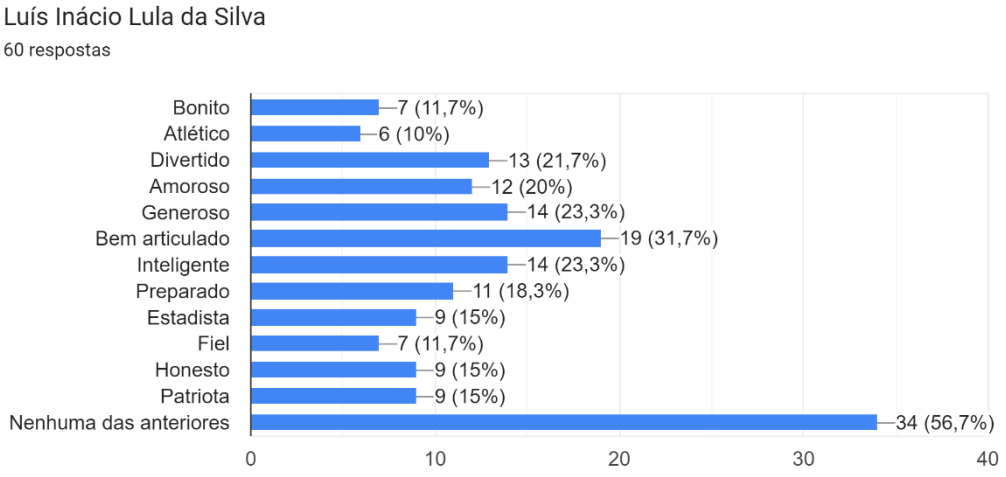


Fonte: Dados da Pesquisa. Elaboração própria.

Este cenário nos mostra que, mesmo aqueles que aparentemente não gostam de ambos os políticos, apresentam em algum nível uma rejeição maior a um deles. Isso reflete os extremos da oposição destas figuras políticas, e a polarização das opiniões sobre os feitos destes presidentes.

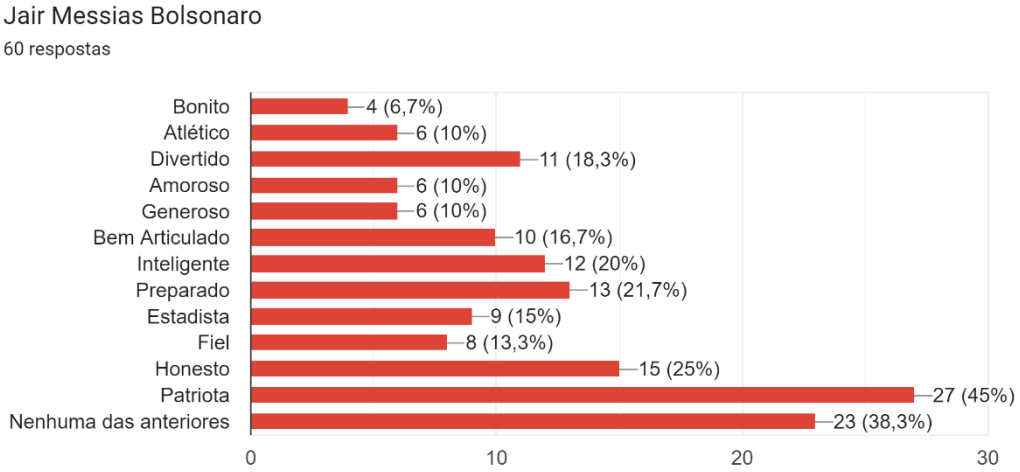
De maneira geral, nesta primeira parte do questionário, as características atribuídas pelos participantes da pesquisa aos dois políticos se apresentaram conforme os gráficos 4 e 5. No primeiro gráfico apresenta-se os resultados para Lula que, embora apresente um nível elevado de rejeição, seus simpatizantes aparentam mais moderação no nível admiração ao político, atingindo um máximo de 19 respostas sobre a característica de "bem articulado", ou seja, a amostra reconhece esta como a sua principal virtude.

Gráfico 4. Características atribuídas à Lula



Fonte: Dados da Pesquisa. Elaboração própria.

Gráfico 5. Características atribuídas ao Bolsonaro

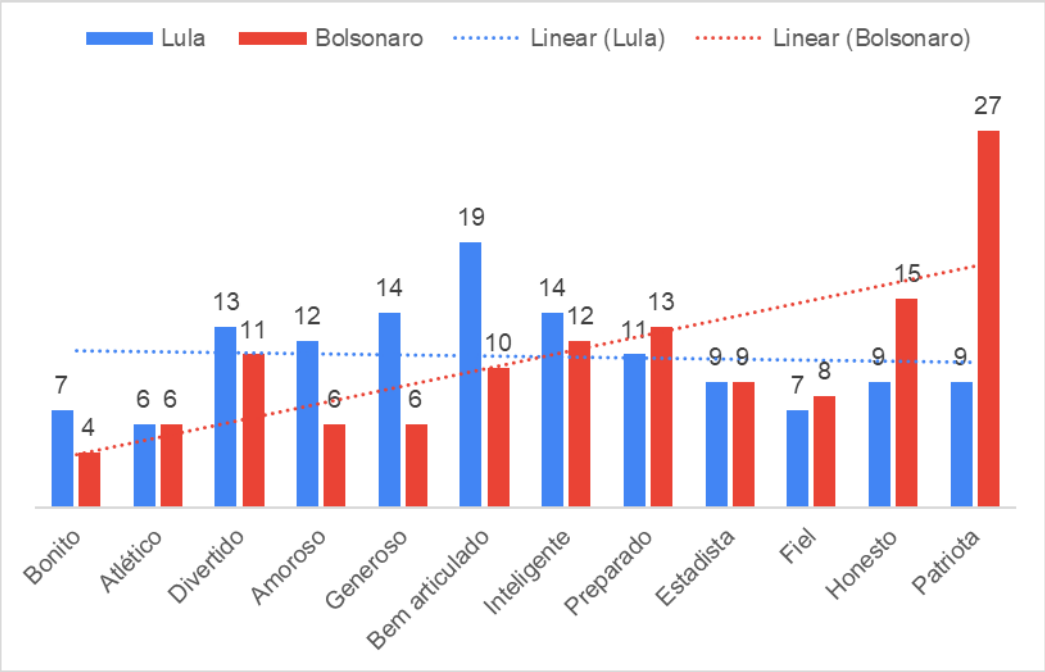


Fonte: Dados da Pesquisa. Elaboração própria.

Já a designação de atributos ao Bolsonaro aparece, de certa forma, mais exacerbada, uma vez que quando as características se voltam às prerrogativas de presidente, como estadista, preparado, honesto e patriota, estas apresentam uma tendência linear crescente

positiva, chegando a um máximo de 27 respostas (45% do total) para “patriota”, conforme mostrado nos gráficos 5 e 6.

Gráfico 6. Características atribuídas a Lula e Bolsonaro - Comparativo



Fonte: Dados da Pesquisa. Elaboração própria.

Após essa análise geral, estabeleceu-se alguns critérios para a identificação do efeito Halo, conforme a figura 5. Para esta análise exclui-se da amostra aqueles respondentes tidos como “neutros” e avaliada a tendência ao efeito Halo quanto mais respostas positivas designadas às figuras políticas.

Figura 5. Parâmetros para o Efeito Halo

Elaboração Própria.

Por critério de seleção, foram analisadas apenas as respostas que atribuíram pelo menos uma característica positiva para cada um dos políticos, nesse contexto, foram analisadas a quantidade de respostas favoráveis sobre hipóteses de suas ações, também

positivas, tanto na vida pessoal, quanto na atuação política no cargo de presidente. A escala sobre o efeito Halo diz que, para aqueles que atribuíram característica(s) positiva(s) sobre a personalidade do político e direcionaram e assinalaram até 7 das respostas para este mesmo político, este se caracteriza como opositor, ou seja, embora ele identifique alguma qualidade em termos da personalidade do político em questão, ele atribui a maioria das ações positivas ao seu opositor. Se este número de respostas positivas estiver entre 8 e 10, ele circunda à indiferença, pois fica na mediana do total das respostas. Já se ele atribui 11 ou mais respostas positivas, ele está na escala do Efeito Halo, cujas definições corroboram a hipótese de extrapolar as caraterísticas personificadas positivas para as ações sociais e políticas também positivas, contribuindo para a polarização política.

A tabela 1 a seguir traz a síntese das respostas daqueles que selecionaram pelo menos uma característica positiva para Lula. Ao todo foram 27 respondentes que poderiam ter assinalado o máximo de 12 características. A partir dos dados, fica evidente que, aqueles que assinalaram as 12 características disponíveis, também responderam todas as 19 questões favoráveis à Lula, isso demonstra o grau máximo de efeito Halo, confirmando a hipótese levantada por esta pesquisa.

Apenas 2 dos respondentes se mostraram como oposição, selecionando apenas 1 característica positiva do político, ambos caracterizando-o como “estadista”. Possíveis explicações para isso vão na direção de que ou interpretam a ideia de estadismo como algo maléfico, em sentido contrário à privatização, por exemplo, uma vez que não o reconhecem como “patriota”; ou veem o estadismo como o oposto do livre mercado, bandeira esta defendida por Bolsonaro, desvirtuando-se do sentido real de soberania do Estado Nacional. Já o respondente, classificado como indiferente, identificou Lula como “bem articulado”, característica mais escolhida entre os participantes, levando a respostas mais diversificadas quanto a atuação do político.

Para verificar a relação entre a quantidade de características selecionadas e a quantidade de respostas positivas atribuídas à Lula, calculou-se o coeficiente de correlação entre essas variáveis, que se mostrou positivo na ordem de 0,177. Ou seja, há uma relação positiva e crescente entre avaliar bem o político quanto as suas características pessoais e suas ações.

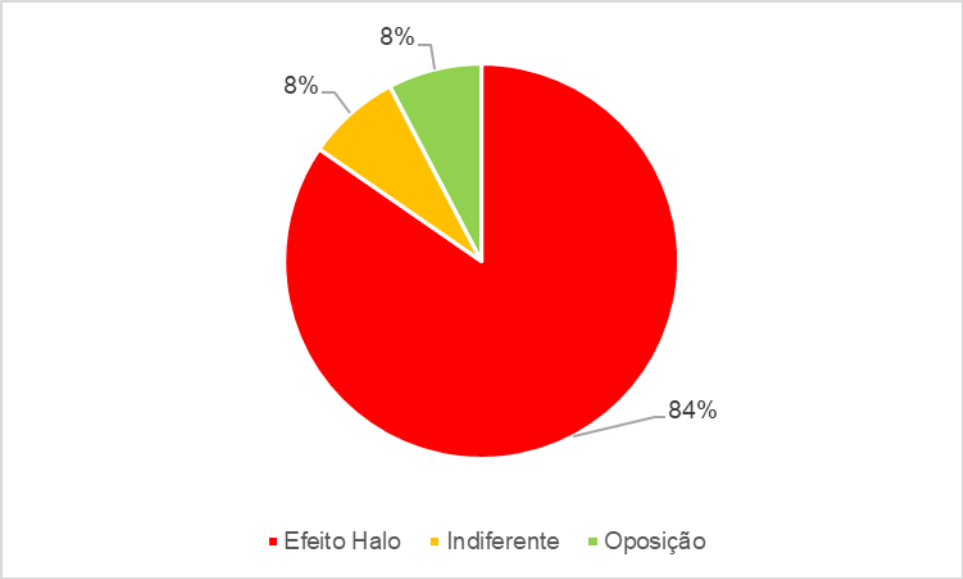
Tabela 1. Respostas que atribuíram pelo menos uma característica positiva ao Lula - Compilação

N. de Carcterísticas assinaladas	N. de respostas favoráveis à Lula	Escala
1	2	Oposição
	3	Oposição
	8	Indiferente
	12	Efeito halo
	16	Efeito halo
	17	Efeito halo
	18	Efeito halo
2	17	Efeito halo
	18	Efeito halo
	19	Efeito halo
3	17	Efeito halo
	19	Efeito halo
	19	Efeito halo
4	8	Indiferente
	16	Efeito halo
	19	Efeito halo
5	15	Efeito halo
6	14	Efeito halo
	17	Efeito halo
8	19	Efeito halo
11	19	Efeito halo
12	19	Efeito halo
	19	Efeito halo
	19	Efeito halo
	18	Efeito halo
	19	Efeito halo

Fonte: Dados da Pesquisa. Elaboração própria.

Em síntese, o gráfico 7 a seguir nos mostra que há um efeito Halo positivo em 84% dos respondentes que reconhecem alguma característica considerada aqui como “boa”. Além disso, apesar do pequeno percentual (8%), o político Lula atingiu o grau de “indiferença” em 2 dos respondentes, algo que não foi verificado para Bolsonaro, indicando um possível radicalismo maior nos seguidores deste último.

Gráfico 7. Classificação das respostas - Lula



Fonte: Dados da Pesquisa. Elaboração própria.

A análise para os dados referentes ao Bolsonaro também aponta para o efeito Halo positivo, onde também há uma correlação positiva entre a quantidade de características selecionadas e o número de respostas favoráveis. O coeficiente, todavia, apresenta uma dimensão maior, 0,314, isso significa que é mais forte a relação entre essas variáveis, podendo indicar uma intensidade mais elevada do efeito Halo.

A amostra favorável a Bolsonaro é mais numerosa, com 37 respondentes. Ao mesmo tempo, os resultados trazem também um grau mais elevado de oposição. Ou seja, 24% destes, 9 de 37 respondentes, identificam características positivas no político, porém, não consideram suas ações e feitos na mesma direção. Estes indivíduos o identificam como: patriota (5 de 9 resposta), bem articulado (5 de 9 respostas), estadista (3 de 9 respostas) e, inteligente, divertido e atlético (1 de 9 respostas). Possíveis explicações para essa caracterização vão ao encontro de sua formação militar, que é respeitada pelos brasileiros, e principalmente, na região onde se realizou o estudo, além disso, as demais características como inteligente e divertido, mostram que há o reconhecimento primeiro, de suas estratégias midiáticas e, segundo de sua performance enquanto nacional - populista[7].

[7] Giuliano da Empoli (2019) define os nacionais populistas aqueles que possuem a capacidade de fazer explodir a cisão esquerda/direita para captar os votos de todos os revoltados e furiosos.

Tabela 2. Respostas que atribuíram pelo menos uma característica positiva ao Bolsonaro - Compilação

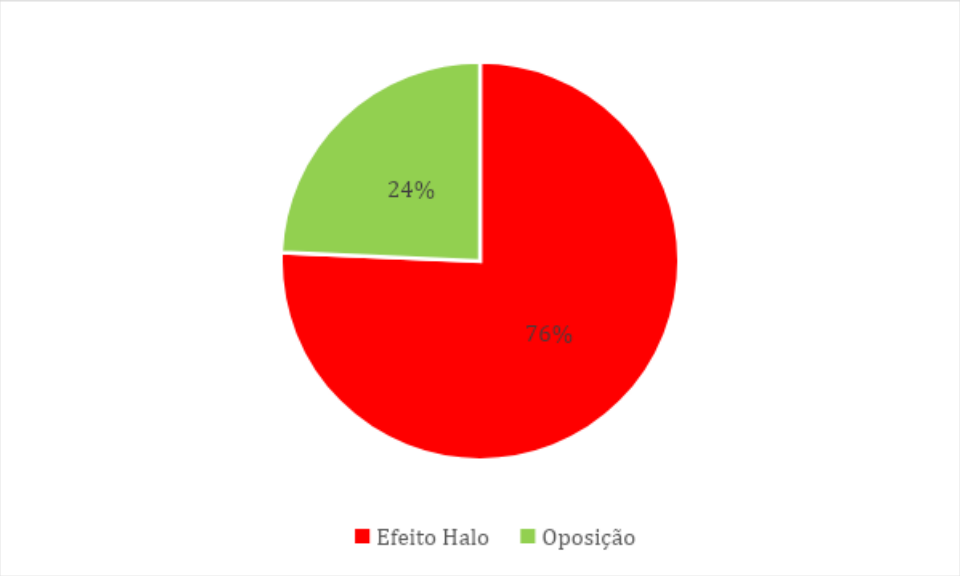
N. de Carcterísticas assinaladas	N. de respostas favoráveis à Bolsonaro	Escala
1	0	Oposição
	0	Oposição
	1	Oposição
	2	Oposição
	5	Oposição
	14	Efeito Halo
	16	Efeito Halo
	16	Efeito Halo
	17	Efeito Halo
	17	Efeito Halo
	18	Efeito Halo
	18	Efeito Halo
	19	Efeito Halo
	19	Efeito Halo
	19	Efeito Halo
	19	Efeito Halo
	19	Efeito Halo
2	2	Oposição
	11	Efeito Halo
	13	Efeito Halo
	19	Efeito Halo
	19	Efeito Halo
3	2	Oposição
	2	Oposição
	18	Efeito Halo
	19	Efeito Halo
4	4	Oposição
	11	Efeito Halo
	17	Efeito Halo
5	16	Efeito Halo
	19	Efeito Halo
9	18	Efeito Halo
10	19	Efeito Halo
11	19	Efeito Halo
12	19	Efeito Halo
	19	Efeito Halo
	19	Efeito Halo

Fonte: Dados da Pesquisa. Elaboração própria.

Assim como verificado para Lula, os que selecionaram as 12 características disponíveis para Bolsonaro, também atribuíram o máximo de respostas positivas a ele, revelando o grau máximo do Efeito Halo. Um fator interessante identificado na síntese dos dados é que, embora Bolsonaro tenha recebido o maior número de seleção de apenas uma qualidade, aproximadamente 71% dos respondentes chegaram a um efeito Halo

positivo (12 de 17 respondentes). No caso de Lula, 7 respondentes selecionaram apenas uma característica e o efeito Halo foi verificado em 57% deles (4 de 7 respondentes).

Gráfico 8. Classificação das respostas - Bolsonaro



Fonte: Dados da Pesquisa. Elaboração própria.

Por fim, a análise mais geral dos dados para Bolsonaro indica 76% dos respondentes dentro dos limites do Efeito Halo, e 24% estão na escala da oposição. Esse cenário oferece possíveis reflexões acerca da polarização política, uma vez que a percepção dos participantes a respeito desta figura política se mostrou mais extremada. A linha de atuação de Bolsonaro reflete o que da Empoli (2020) retrata como Nacional-Populista, que para conquistar a maioria, eles não vão convergir para o centro, e sim unir-se aos extremos.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A polarização ideológica que tem marcado o cenário político brasileiro nos últimos anos resultou em um ambiente de conflito e hostilidade, dividindo a sociedade em grupos opostos. Este fenômeno é caracterizado pela acentuação das diferenças, levando à formação de bolhas informativas, onde indivíduos se isolam em conteúdos que reforçam suas próprias convicções, dificultando o diálogo construtivo e a busca por consensos. Tal situação impacta negativamente a coesão social, prejudica o diálogo político e a governabilidade.

A dinâmica de polarização foi evidenciada nas eleições de 2014, quando os principais candidatos representavam visões políticas divergentes. O governo de Dilma Rousseff, marcado por crises econômicas e políticas, enfrentou um período de turbulência, exacerbado pela Operação Lava-Jato, que evidenciou esquemas de corrupção em diversas esferas políticas e empresariais. A polarização política se agravou com acusações, ações judiciais e o processo de impeachment, refletindo o crescente antipetismo e a insatisfação popular.

A ascensão de Jair Bolsonaro à presidência em 2018 ocorreu em meio a um contexto de polarização política. Sua estratégia de comunicação agressiva, baseada em discurso polarizador e uso eficiente das redes sociais, atraiu uma base de apoio fiel, mesmo diante de controvérsias e declarações polêmicas. Ao longo de seu mandato manteve uma estratégia de desinformação, com um alto número de declarações falsas ou distorcidas, o que contribuiu para a desconfiança e divisões na sociedade. A liberação de Lula das condenações e sua reintrodução no cenário político gerou especulações sobre uma mudança na polarização, reacendendo a esperança de parte da esquerda.

As eleições de 2022 foram marcadas pela tensão e medo de violência política, refletindo a polarização persistente na sociedade. O resultado apertado e a resistência em aceitar o veredito eleitoral por parte do presidente Bolsonaro continuaram a inflamar os ânimos. Manifestações e atos violentos demonstraram a intensidade do conflito ideológico, representando uma ameaça à estabilidade democrática do país.

A polarização política não se limitou ao campo das ideias, mas se traduziu em ações concretas, refletindo um cenário de pós-verdade que afeta o debate público. A polarização contínua apresenta desafios para a coesão social, a governabilidade e a consolidação democrática no Brasil. Essa dinâmica acirrada necessita ser compreendida à luz da economia comportamental e seus vieses, demonstrando como a divisão ideológica afeta não apenas o discurso político, mas também o comportamento social e econômico dos indivíduos.

Com base no exposto, a Economia Comportamental emerge como uma disciplina crucial para compreender o complexo tecido das decisões individuais e de mercado, desafiando a premissa da racionalidade absoluta defendida pela teoria econômica clássica. Os estudos nesta área desconstroem a visão de que os agentes econômicos são inteiramente racionais, introduzindo o conceito de "racionalidade limitada". Dentre os

vieses cognitivos, o viés de confirmação emerge como um fator preponderante. Esse viés, comumente observado em um contexto político polarizado, leva os indivíduos a buscarem informações que validem suas crenças preexistentes, evitando deliberadamente fontes que contradigam seus pontos de vista. Esse comportamento pode criar bolhas informativas que reforçam opiniões e exacerbam a polarização, ampliando o distanciamento entre diferentes perspectivas.

Além do viés de confirmação, a dissonância cognitiva surge como um estado de desconforto que leva as pessoas a buscarem consistência em suas crenças e a se afastarem de informações que desafiam suas convicções. Esse processo gera uma tendência ao viés de grupo, levando à supervalorização de opiniões semelhantes e à desvalorização das divergentes.

Daniel Kahneman, por meio da Economia Comportamental, explora os equívocos na cognição humana e sua influência na tomada de decisões. O "Efeito Halo", revela como percepções gerais afetam a avaliação específica de pessoas, produtos ou eventos, destacando a importância das primeiras impressões na formação de opiniões. Esses vieses, desempenham papéis cruciais no cenário político, contribuindo para a polarização ao influenciar o julgamento das pessoas e a formação de suas opiniões. Apesar de serem fenômenos reconhecidos internacionalmente, sua exploração e análise no contexto brasileiro são relativamente escassas, concentrando-se principalmente em estudos de marketing e avaliações individuais. Portanto, compreender esses vieses cognitivos é fundamental para desvendar os mecanismos por trás das decisões políticas e sociais, levando em consideração a influência desses fatores na formação de opiniões e no processo decisório, aspectos essenciais para um entendimento mais profundo da dinâmica política e social contemporânea.

Este estudo, portanto, realizou um experimento na tentativa de captar o efeito Halo na polarização política brasileira, com base em 2 políticos, Lula e Bolsonaro. Por meio de questionários a pesquisa teve como amostra 60 estudantes da área de Ciências Sociais Aplicadas, que responderam perguntas sobre suas percepções dos dois políticos citados. Com base nas análises e nos resultados obtidos fica evidente a presença de um cenário de polarização política Mesmo entre aqueles que foram considerados "neutros", foi observada uma inclinação a favor de um dos políticos, revelando a forte divisão de opiniões e a tendência a rejeitar um dos políticos na maior parte dos casos.

A análise do efeito Halo demonstrou que a maioria dos respondentes que atribuíram pelo menos uma característica positiva a Lula ou Bolsonaro acabaram reconhecendo a maioria das ações positivas ao político ao qual atribuíram tal característica, configurando assim o efeito Halo. Este fenômeno revela a propensão dos indivíduos a extrapolarem características pessoais positivas para avaliar as ações sociais e políticas desses políticos.

No entanto, apesar de existir uma proporção significativa de efeito Halo em ambos os grupos, a análise aponta para uma associação mais intensa do fenômeno ao grupo de respondentes favoráveis a Bolsonaro. Isso sugere que o político Bolsonaro tem uma base de apoiadores que tende a superestimar suas ações positivas, mesmo que isso não se traduza necessariamente em um reconhecimento equilibrado das suas características pessoais.

Além disso, um dado interessante revelado pela análise é que os opositores de Lula e Bolsonaro tendem a destacar uma única característica positiva dos políticos, mostrando uma tendência a reconhecer apenas um aspecto favorável, mas sem estender essa visão positiva para outras esferas de atuação dos políticos.

Essas descobertas ressaltam a natureza polarizada do cenário político atual, indicando a existência de extremos de apoio e rejeição em relação aos políticos estudados. O fenômeno do efeito Halo demonstra como as percepções individuais podem influenciar significativamente a forma como as pessoas avaliam ações políticas e sociais, contribuindo assim para a manutenção da polarização na sociedade contemporânea.

7. REFERÊNCIAS

ABRAMOWITZ, A. I; SAUNDERS, K. L. **Is polarization a myth? The Journal of Politics**, Chicago, v. 70, n. 2, p. 542-555, abr. 2008.

ONU. Organização das Nações Unidas. **Marielle Franco — democracia, legado e violência contra as mulheres na política.** Copyright 2023 Nações Unidas no Brasil, 16 abril. 2018. Política. Disponível em: https://brasil.un.org/pt-br/79705-artigo-marielle-franco-%E2%80%94-democracia-legado-e-viol%C3%AAncia-contra-mulheres-na-pol%C3%ADtica. Acesso em: 15 ago. 2023.

AVARENGA, Laura. **Governo BOLSONARO: o que melhorou e piorou na ECONOMIA brasileira durante seus 4 anos de gestão?** FDR, ECONOMIA

SIMPLIFICADA, 31 ago. 2022. Política. Disponível em: https://fdr.com.br/2022/08/31/governo-bolsonaro-o-que-melhorou-e-piorou-na-economia-brasileira-durante-seus-4-anos-de-gestao/. Acesso em: 25 ago. 2023.

ÁVILA, Flávia; BIANCHI, Ana Maria. **Guia de Economia Comportamental e Experimental.** São Paulo: EconomiaComportamental.org, 2015.

BAKIR, Vian and Andrew McStay. 2017. **"Combatting Fake News: Analysis of Submissions to the Fake News Inquiry."** Three-D 28. https://www.meccsa.org.uk/news/three-d-issue-28-combatting-fake-news-analysis-of-submissions-to-the-fake-news-inquiry/. Acesso em: 01 de set de 2023.

BARBOSA, Henrique Hermont. **EFEITO HALO NA AVALIAÇÃO DE PROJETOS DE PESQUISA E DESENVOLVIMENTO**. p. 22, Rio de Janeiro, 2016.

BECKER, Camila et al. **Manifestações e votos sobre impeachment de Dilma Rousseff na primeira página de jornais brasileiros**. Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación, v. 13, n. 24, 2017.

BOBBIO, Norberto. **Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política.** 2. ed. São Paulo: UNESP, 1995.

CALIL, Gilberto Grassi. A negação da pandemia: reflexões sobre a estratégia bolsonarista. **Serviço Social & Sociedade**, p. 30-47, 2021.

CANDIOTTO, Cesar. **Foucault e a crítica da verdade. (Coleção Estudos Foucaultianos)**. Disponível em: Minha Biblioteca, (2nd edição). Grupo Autêntica, 2010.

ROCHA, Lucas. URIBE, Gustavo. LOPES, Julliana. RODRIGUES, Brasília. LORENZETTI, Evelyne. BERNARDES, Vinicius. **Criminosos invadem plenário do STF, Congresso Nacional e Palácio do Planalto.** CNN BRASIL, 08 jan. 2023. Política. Disponível em: https://www.cnnbrasil.com.br/politica/manifestantes-furam-bloqueio-e-entram-na-esplanada-em-brasilia/. Acesso em: 15 ago. 2023.

DATASUS, Ministério da Saúde. **Coronavírus Brasil.** Disponível em:<https://covid.saude.gov.br/> . Acesso em 01 de set de 2023.

EMEDIATO, Wander. **Dimensões e face da mentira no discurso político**. In: EMEDIATO, Wander (Org.). Análises do Discurso Político. Belo Horizonte: NAD/FALE, 2016.

CHERNAVSKY, Emilio. **Entre as piores do mundo: um balanço da economia brasileira no governo Bolsonaro.** CartaCapital. Disponível em: https://www.cartacapital.com.br/blogs/observatorio-da-economia-contemporanea/entre-as-piores-do-mundo-um-balanco-da-economia-brasileira-no-governo-bolsonaro/. Acesso em: 01 de set de 2023.

ESTEBAN, J.-M.; RAY, D. **On the Measurement of Polarization. Econometrica**, New York, n. 62, p. 819-851, n.4, jul. 1994.

FABER, Jean. **Viés cognitivo: quando ser racional não é o bastante.** Revista Ciências em Saúde, Minas Gerais, v.4, n.4, p. 1, out./dez. 2014.

FERREIRA, Vera Rita de Mello. **Psicologia econômica: como o comportamento econômico influencia nas nossas decisões**. Rio de Janeiro: Elsevier, p.169. 2008

GASMAN, Fabiana Dal'Mas Rocha. **12 Anos da Lei Maria da Penha: o feminicídio é a ponta do iceberg**, Blog do Estadão. 2020.

UOL, **Bolsonaro pede fim do confinamento.** 24 mar. 2020. Política. Disponível em: https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/03/24/leia-o-pronunciamento-do-presidente-jair-bolsonaro-na-integra.htm. Acesso em: 25 ago. 2023.

HERNANDEZ, Ivan; PRESTON, Jesse Lee. **Disfluency disrupts the confirmation bias. Journal of Experimental Social Psychology**, v. 49, n. 1, p. 178-182, 2013. https://www.aosfatos.org/todas-as-declara%C3%A7%C3%B5es-de-bolsonaro/

JUS BRASIL. **Com 18 nomes, PP tem o maior número de investigados na Lava Jato.** Correio Forense. Disponível em: https://www.jusbrasil.com.br/noticias/com-18-nomes-pp-tem-o-maior-numero-de-investigados-na-lava-jato/215662669. Acesso em: 15 de ago, 2023.

KAHNEMAN, Daniel. **Rápido e Devagar: duas formas de pensar.** Rio de Janeiro: Editora Objetiva LTDA, 2012.

MANDETTA, Luiz Henrique. **Um paciente chamado Brasil: os bastidores da luta contra o coronavírus**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2020

MANDETTA, Luiz Henrique. **Um paciente chamado Brasil: os bastidores da luta contra o coronavírus.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2020.

MARTINEZ, F. CAVALLINI, M. **Fome, desemprego, alta dos preços: os retratos da economia de 2021 na vida real.** G1, 26 dez. 2021. Economia. Disponível em: https://g1.globo.com/economia/noticia/2021/12/26/fome-desemprego-alta-dos-precos-os-retratos-da-economia-de-2021-na-vida-real.ghtml. Acesso em: 15 de ago, 2023.

MARTINS, Renato Parsekian. **Ciência e a dissonância cognitiva.** Revista Clínica Ortod Dental Press, p. 5-6, 2015.

MCSTAY, Andrew. 2016a. Digital Advertising (Second Ed.). London: Palgrave Macmillan. McStay, Andrew. 2016b. **"Empathic Media and Advertising: Industry, Policy, Legal and Citizen Perspectives (the Case for Intimacy)"**. Big Data & Society, 3(2).

MLODINOW, Leonard. **O andar do bêbado: como o acaso determina nossas vidas.** Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2009.

MURTA, F.; ITUASSU, A.; CAPONE, L.; LEO, L.; LA ROVERE, R. **Eleições e mí-dias sociais: Interação e participação no Facebook durante a campanha para a Câmara dos Deputados em 2014**.Compolítica,v. 7, n. 1, p. 47-72, 28 jun. 2017.

NOSSA, Leonencio. **Mortes por intolerância política no Brasil já superam as de 4 eleições nacionais.** ESTADÃO, 16 jul. 2022. Política. Disponível em: https://www.estadao.com.br/politica/mortes-por-intolerancia-politica-no-brasil-ja-superam-as-de-4-eleicoes-nacionais/ Acesso em: 15 ago. 2023.

PEREIRA, P. G. **Dificuldades de implementação da Política Nacional de Desenvolvimento Regional (PNDR): impasses, embates e conflitos.** Rio de Janeiro: IPPUR; UFRJ, 2009.

PERES, Paulo. **Sobre a polarização política brasileira,** Rio Grande do Sul. Disponível em: https://revistapb.com.br/artigos/sobre-a-polarizacao-politica-brasileira, 2020. Acesso em: 12 de novembro, 2023.

SILVA, Adilson; BRITO, Eliane. **Incerteza, Racionalidade Limitada e Comportamento Oportunista: Um Estudo Na Industria Brasileira.** São Paulo: Ram, Rev. Adm. Mackenzie, v.14, p. 176-188. 2013.

SOARES, O. COSTA, Rodolfo. **Qual é a estratégia de Bolsonaro e Lula para ganhar o voto do eleitor nas redes sociais.** Copyright © 2023, Gazeta do Povo. Todos os direitos

reservados. G1, 13 jul. 2022. Política. Disponível em: https://www.gazetadopovo.com.br/eleicoes/2022/redes-sociais-qual-e-a-estrategia-de-bolsonaro-e-lula-para-ganhar-o-voto-do-eleitor-na-internet/. Acesso em: 15 ago. 2023.

SOUZA, Renato. **Relatório mostra avanço na morte de indígenas no governo Bolsonaro.** Correio Braziliense, 27 jul. 2023. Política. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/brasil/2023/07/5112109-relatorio-mostra-avanco-na-morte-de-indigenas-no-governo-bolsonaro.html Acesso em: 29 ago. 2023.

STABILE, Arthur. **Com 214 casos em 2022, violência política cresceu 335% no Brasil em três anos.** G1, 13 jul. 2022. Política. Disponível em: https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2022/noticia/2022/07/13/com-214-casos-em-2022-violencia-politica-cresceu-335percent-no-brasil-em-tres-anos.ghtml. Acesso em: 15 ago. 2023.

VAN DIJCK, J. **Confiamos nos dados? As implicações da datificação para o monitoramento social**. Matrizes, v.11, n. 1, jan.- abr. 2017, São Paulo. p. 40. Disponível em: https://pp.nexojornal.com.br/glossario/Tecnologia-dados-e-pol%C3%ADticas-p%C3%BAblicas. Acesso em: 29 de ago, 2023.

VIEIRA, Saulo F. A.; BATAGLIA, Regiane T. M.; SEREIA, Vanderlei J. **Educação Financeira e decisões de consumo: uma análise dos alunos de uma Universidade Pública do norte do Paraná.** Paraná: Revista de Administração da UNIMEP, 2011.

ANEXO I

QUESTIONÁRIO – GRUPO DE PRÉ-TESTE

1) Assinale apenas as características que você identifica nas duas figuras políticas abaixo.

Luiz Inácio Lula da Silva

(Lula)

Jair Messias Bolsonaro

(Bolsonaro)

( ) Bonito	( ) Bonito
( ) Atlético	( ) Atlético
( ) Divertido	( ) Divertido
( ) Amoroso	( ) Amoroso
( ) Generoso	( ) Generoso
( ) Bem articulado	( ) Bem Articulado
( ) Inteligente	( ) Inteligente
( ) Preparado	( ) Preparado
( ) Estadista	( ) Estadista
( ) Fiel	( ) Fiel
( ) Honesto	( ) Honesto

( ) Patriota	( ) Patriota
( ) Nenhuma das Anteriores	( ) Nenhuma das Anteriores

2) Nas afirmações a seguir selecione a figura política que melhor corresponda as afirmações:

a) Gosta de animais e de Crianças.	
( ) Lula	( ) Bolsonaro
b) Gosta de Ler e Estudar.	
( ) Lula	( ) Bolsonaro
c) Gosta de Esportes.	
( ) Lula	( ) Bolsonaro
d) Valoriza a sua família.	
( ) Lula	( ) Bolsonaro
e) Cuida do irmão com necessidades especiais.	
( ) Lula	( ) Bolsonaro
f) Gosta de poesias e de teatro.	
( ) Lula	( ) Bolsonaro
g) Em seu governo, o Brasil atingiu a marca de 7ª maior economia do mundo.	
( ) Lula	( ) Bolsonaro
h) Em seu governo, a inflação se manteve estável.	
( ) Lula	( ) Bolsonaro
i) Em seu governo, o desemprego se manteve em baixos níveis.	
( ) Lula	( ) Bolsonaro
j) Em seu governo, o Brasil reduziu a pobreza.	

( ) Lula	( ) Bolsonaro
k) Em seu governo, o Brasil cresceu acima da média mundial.	
( ) Lula	( ) Bolsonaro
l) Em seu governo, o investimento em educação aumentou.	
( ) Lula	( ) Bolsonaro
m) Em seu governo, a violência nas cidades diminuiu.	
( ) Lula	( ) Bolsonaro
n) Em seu governo, o Brasil fechou o maior número de acordos comerciais internacionais	
( ) Lula	( ) Bolsonaro
o) Em seu governo, o desmatamento ambiental diminuiu.	
( ) Lula	( ) Bolsonaro
p) Em seu governo, a democracia foi respeitada.	
( ) Lula	( ) Bolsonaro
q) Em seu governo, as contas públicas melhoraram.	
( ) Lula	( ) Bolsonaro
r) Em seu governo, a corrupção foi combatida.	
( ) Lula	( ) Bolsonaro
s) Foi o melhor presidente do Brasil.	
( ) Lula	( ) Bolsonaro

ANEXO II

QUESTIONÁRIO CORRIGIDO

1) Assinale apenas as características que você identifica nas duas figuras políticas abaixo.

Luiz Inácio Lula da Silva

(Lula)

Jair Messias Bolsonaro

(Bolsonaro)

( ) Bonito	( ) Bonito
( ) Atlético	( ) Atlético
( ) Divertido	( ) Divertido
( ) Amoroso	( ) Amoroso
( ) Generoso	( ) Generoso
( ) Bem articulado	( ) Bem Articulado
( ) Inteligente	( ) Inteligente
( ) Preparado	( ) Preparado
( ) Estadista	( ) Estadista
( ) Fiel	( ) Fiel
( ) Honesto	( ) Honesto

( ) Patriota	( ) Patriota
( ) Nenhuma das Anteriores	( ) Nenhuma das Anteriores

2) Nas afirmações a seguir selecione a figura política que melhor corresponda as afirmações:

a) Gosta de animais e de Crianças.	
( ) Lula	( ) Bolsonaro
b) Gosta de Ler e Estudar.	
( ) Lula	( ) Bolsonaro
c) Gosta de Esportes.	
( ) Lula	( ) Bolsonaro
d) Valoriza a sua família.	
( ) Lula	( ) Bolsonaro
e) Cuida do irmão com necessidades especiais.	
( ) Lula	( ) Bolsonaro
f) Gosta de poesias e de teatro.	
( ) Lula	( ) Bolsonaro
g) Em seu governo, os investimentos no Brasil aumentaram.	
( ) Lula	( ) Bolsonaro
h) Em seu governo, a inflação se manteve estável.	
( ) Lula	( ) Bolsonaro
i) Em seu governo, o desemprego se manteve em baixos níveis.	
( ) Lula	( ) Bolsonaro
j) Em seu governo, o Brasil reduziu a pobreza.	

( ) Lula	( ) Bolsonaro
k) Em seu governo, o Brasil cresceu acima da média mundial.	
( ) Lula	( ) Bolsonaro
l) Em seu governo, o investimento em educação aumentou.	
( ) Lula	( ) Bolsonaro
m) Em seu governo, a violência nas cidades diminuiu.	
( ) Lula	( ) Bolsonaro
n) Em seu governo, a Bolsa de Valores cresceu acima da média histórica.	
( ) Lula	( ) Bolsonaro
o) Em seu governo, o desmatamento ambiental diminuiu.	
( ) Lula	( ) Bolsonaro
p) Em seu governo, a democracia foi respeitada.	
( ) Lula	( ) Bolsonaro
q) Em seu governo, as contas públicas melhoraram.	
( ) Lula	( ) Bolsonaro
r) Em seu governo, a corrupção foi combatida.	
( ) Lula	( ) Bolsonaro
s) Foi o melhor presidente do Brasil.	
( ) Lula	( ) Bolsonaro